

AVELINA MARTINEZ GALLEGÓ

OS ESPANHÓIS EM SÃO PAULO : PRESENÇA E INVISIBILIDADE

MESTRADO : CIÊNCIAS SOCIAIS

PUC - SP

1993

44
EX 20

AVELINA MARTINEZ GALLEG0

Os Espanhóis em São Paulo : Presença e Invisibilidade

Dissertação apresentada
como exigência parcial
para obtenção do título
de Mestre em Ciências
Sociais à Pontifícia
Universidade Católica de
São Paulo, sob orienta-
ção da Prof^a. Josildeth
Gomes Consorte.

PUC - SP
1993



Biblioteca MA - PUCSP



100004670

E R R A T A

<u>página</u> - <u>parágrafo</u> - <u>linha</u>	<u>onde se lê</u>	<u>leia-se</u>
13 1º 9	no que diz a publicações	no que diz respeito à publicações
53 2º 8	se agraga	se agrega
55 1º 4	por isso foi duas destruído	por isso foi duas vezes destruido
71 1º 14	desagrega	desagrega

Frederick James Bennett

Sept 10

222A-

BANCA EXAMINADORA

RESUMO

Partindo da constatação da ausência de marcas culturais dos imigrantes espanhóis em São Paulo, frente às marcas evidentes do imigrante italiano procuramos constatar a presença do espanhol na formação da sociedade paulistana e entender a sua diluição na mesma. Constatamos a presença do elemento dessa nacionalidade na vida política e cultural da cidade de São Paulo e como mão de obra tanto nas fazendas de café do interior do estado, como operários das indústrias no início do século e no Porto de Santos. Dividindo a imigração espanhola em dois momentos : de finais do século XIX até os anos 30 e de 1946 até 1960. Analisamos a atuação do imigrante espanhol na vida paulistana através de suas associações de socorros mútuos, culturais e recreativas, regionais e sua produção periodística. Evidenciamos que um dos elementos decisivos para sua dispersão foi a sua divergência ideológica (pró e anti-franquistas). Ficou evidenciado, também, que a atuação do Governo Espanhol frente aos problemas dos imigrantes foi, durante muito tempo, de total abandono a estes, que ficaram entregues à sua própria sorte, motivo pelo qual oriaram sociedades de repatriação, mantidas por eles mesmos. Mostramos que a atuação do Estado Italiano foi dirigida no sentido de manter vínculos, já que não dispunha de colônias políticas. A atuação do Estado Espanhol não foi dirigida nesse sentido, pois durante muito tempo a emigração foi vista, na Espanha, por parte de intelectuais e políticos, como reprovável. Apontamos como foram importantes na divisão da colônia espanhola em São Paulo, entre outros, estes dois fatores : a atuação do Estado Espanhol frente à emigração e a divisão processada entre os membros da colônia espanhola pela Guerra Civil Espanhola.

Dedicada aos meus pais, Luis e Armonia que me inspiraram este trabalho e aos meus filhos Carla, Otávio, Luis e Gabriel : a esperança de que esta história não se perca.



AGRADECIMENTOS

Agradeço,

à Prof^a. Dr^a. Josildeth Gomes Consorte pela orientação e incentivo para realizar este trabalho;

à Diretoria da SHB à época da realização da pesquisa, especialmente ao Srs. Pablo Briones e Emilio F. Cano, pela colaboração e acesso ao material pesquisado;

a todos os informantes que ajudaram a elucidar dúvidas;

ao vice-consul da Espanha em São Paulo, sr. Jesús Población Senerguet;

ao adido cultural do consulado espanhol em São Paulo Sr. Mário Garcia-Guillén;

ao Luis pelo trabalho de digitação e pelas valiosas e construtivas críticas e

ao Diego pelo incentivo em todos os momentos.

ÍNDICE

Introdução	1
I- A Emigração Espanhola em São Paulo	10
I.1- Espanha País Expulsor	10
I.2- Brasil País de Recepção	11
I.3- Os Espanhóis em São Paulo (Aspectos Quantitativos)	13
Notas	17
II- A Inserção do Imigrante Espanhol na Sociedade Paulistana : Atuação Política e Cultural	18
Notas	26
III- A Vida no Interior da Comunidade Espanhola	28
III.1- A Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos	28
III.2- A Nacionalização da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos	35
III.3- O Hospital Espanhol - Um Sonho Não Realizado	37
Notas	39
IV- As Sociedades de Ajuda Mútua do Interior de São Paulo	40
Notas	46
V- As Sociedades Regionais Espanholas	47
V.1- A Unificação das Sociedades Espanholas	52
V.2- O Centro Galego - Centro Democrático Espanhol	53
V.3- A Sociedade Espanhola de Repatriação de Santos	55
Notas	59
VI- A Imprensa Espanhola em São Paulo	60
Notas	64
Conclusão	65
Notas	73
Bibliografia	74

INTRODUÇÃO

Quando começamos a pensar no tema Imigração Espanhola como objeto de estudo para nossa dissertação de mestrado o fizemos, a princípio, pelo fato de termos vivido o dia a dia de uma família de imigrantes e querermos conhecer a nossa própria história. Uma vez iniciado o longo caminho que envolve uma pesquisa, nos deparamos com tantas questões ainda não equacionadas que foi bastante conflituoso nos decidirmos sobre apenas um aspecto dos muitos que envolvem o fenômeno, porém, não poderíamos pretender, nesta etapa, dar conta de todas as questões com as quais nos deparamos pelo caminho.

O fenômeno das migrações humanas é um tema de relevância, tanto para a sociedade fornecedora de emigrantes, quanto para a sociedade que os recebe. Uma sociedade que recebe grandes contingentes migratórios com certeza está passando, e passará, por transformações profundas, tanto a nível econômico como social e político. Estes grupos, por sua vez, passarão também por transformações e acabarão por impor a esta sociedade algumas mudanças bem características. Trata-se de um movimento dialético que tem seus momentos de profundas contradições e que terminará por sintetizar todo este processo numa realidade histórica distinta.

O Brasil, por sua história, caracterizou-se como um país receptor de grandes correntes migratórias. Muito embora o termo imigrante seja sempre referido aos estrangeiros, que vinham na condição de trabalhadores livres, não se pode esquecer do grande contingente de escravos negros que foram trazidos para o Brasil e, que juntamente com os imigrantes europeus que chegaram em maior número da segunda metade do século XIX em diante, contribuíram para formar a sociedade brasileira como uma síntese de todo esse processo histórico. Assim, se pode entender a importância dos estudos sobre as imigrações para conhecer-se a sociedade brasileira.

A Espanha foi, no século XIX, um dos países europeus que se caracterizaram como grande fornecedor de correntes emigratórias, daí a importância de se pesquisar, tanto para o Brasil como para a Espanha, a imigração espanhola sobre o ponto de vista dos variados aspectos sob os quais ela se apresenta. Tomamos como tema de nossa reflexão neste trabalho o que chamamos de ausência de marcas

culturais da imigração espanhola em São Paulo.

Privilegiamos estudar este tema sob um enfoque político-antropológico, ou seja, o da relação Estado Espanhol - Sociedade e cultura espanhola ao longo da imigração. Estas relações deverão ser entendidas dentro de seu contexto histórico para que possam ter sentido. Evidentemente, poderão ser encontradas outras explicações para o fenômeno que focalizamos, com enfoques diferentes, porém o que privilegiamos é, a nosso ver, de grande importância para o entendimento geral do tema.

A corrente imigratória espanhola foi uma das mais importantes na história das imigrações brasileiras, tanto numericamente quanto em termos da contribuição ao processo de transformação da sociedade brasileira. De todos os imigrantes entrados no Brasil e, principalmente, em São Paulo pode-se afirmar que o número de espanhóis foi inferior apenas ao número de italianos. Entretanto, a influência da imigração espanhola em São Paulo, no que diz respeito às marcas culturais, não é tão facilmente identificável como é a italiana, por exemplo, na culinária, na música, em certas expressões idiomáticas ou nas famosas festas religiosas, como as de N. Sra. Acchiropita e de S. Genaro. Os espanhóis, pela facilidade de se fazerem entender, pela proximidade do idioma castelhano e, mais ainda, do idioma galego com o português, conservaram mesmo depois de muitos anos de Brasil, muito de seu idioma. Entretanto, não se percebe na fala popular do paulista em geral, ou do paulistano em particular, nenhuma influência do imigrante espanhol. Ainda na questão da religiosidade, que é uma característica muito forte da cultura espanhola, não se tem informação de nenhuma festa religiosa da coletividade espanhola em São Paulo.

Quando se pensa, por exemplo, nos bairros paulistanos da Moóca e do Bráz, imediatamente se associa à história desses bairros a colônia italiana, que realmente predominou nessa região da cidade numa determinada época, deixando visíveis suas marcas culturais. Porém, mesmo predominando, os italianos não estavam sozinhos, pois, havia nesses bairros de São Paulo um grande número de espanhóis, assim como estiveram juntos italianos, espanhóis e portugueses nas agruras das fazendas de café do Oeste paulista, nas históricas greves fabris, ferroviárias e portuárias desse estado nas primeiras décadas deste século.

A ausência de marcas espanholas não para aí, estende-se à

própria curiosidade científica em relação a sua presença entre nós. Qual teria sido a razão para que os espanhóis, tendo sido a terceira corrente imigratória em importância numérica para o Brasil, não tenham despertado o interesse de pesquisadores ? A tal ponto que não nos foi possível localizar mais que duas monografias sobre os imigrantes espanhóis em São Paulo.¹ Os espanhóis têm consciência desta ausência e também explicações para ela.

Quando iniciamos os primeiros contatos com membros da colônia espanhola e colocamos a questão da ausência de estudos sobre eles, ouvíamos constantemente : "Os espanhóis são muito desunidos, por isso não tiveram a força da presença italiana ou da japonesa", não despertando, assim, o interesse de estudiosos. Esta desunião foi algumas vezes atribuída ao fato de não se poder falar de um grupo nacional espanhol, pois o sentimento regional seria muito forte entre os espanhóis. Estes grupos em sua diversidade cultural teriam dificultado a formação de um grupo homogêneo, o que teria tornado mais difícil a influência cultural espanhola na sociedade brasileira.

Num primeiro momento, esta poderia ser uma explicação plausível, porém se fizéssemos o mesmo tipo de análise para os imigrantes italianos, que também tinham suas especificidades regionais e que além do mais tinham o complicador de ser o Estado Nacional Italiano recém unificado na época das grandes correntes imigratórias chegadas a São Paulo; como poderíamos explicar a forte influência da cultura italiana em São Paulo ? Assim, pareceu-nos que a explicação para a dispersão dos imigrantes espanhóis teria que ser de outra ordem.

A primeira etapa do nosso trabalho foi efetuar um levantamento bibliográfico nas bibliotecas da Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica e Universidade Estadual de Campinas. Deste levantamento pudemos localizar apenas as duas monografias já referidas, entretanto se mostraram insuficientes para o nosso propósito. Recorremos então a fontes diversas :

¹"O Imigrante espanhol em São Paulo" - Sec. Agric. S. P., 1963, Antonio Jordão Neto; "Produção Escrita em Língua Portuguesa e Castelhana : realização de imigrantes estabelecidos em São Paulo" (1960 - 1970), FFLCH-USP, 1985, Maria Del Pilar S. Martin.

do Imigrante", cartórios de registros de casamentos e nascimentos do bairro da Moóca, igrejas dos bairros da Moóca e do Bráz e entrevistas com imigrantes espanhóis localizados em São Paulo (capital), Santos, Mogi das Cruzes e na região do ABC. Estas buscas iniciais nem sempre resultaram positivas, porém nos deram pistas para chegar ao lugar onde, afinal, encontramos algo de mais concreto para o nosso objetivo.

Através dos contatos com os imigrantes, chegamos à "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos" e tivemos acesso a sua documentação. Esta sociedade, que ainda agrega parte da coletividade espanhola em São Paulo, foi fundada em 1898 com o nome de "Sociedade Española de Socorros Mútuos" e conserva grande parte da documentação de suas atividades, desde sua fundação, o que nos ajudou a entender a atuação do imigrante espanhol em São Paulo. Possui também parte da documentação de outros centros de imigrantes espanhóis que existiram na cidade de São Paulo e que acabaram fusionando-se com ela. Encontramos, ainda, jornais da colônia espanhola, grande parte pertencentes a esta sociedade e parte pertencente a coleções particulares às quais tivemos acesso graças ao entusiasmo que nosso trabalho despertou em alguns membros da colônia espanhola.

Partindo da análise de todo esse material, procuramos entender o processo que viveu o imigrante espanhol em São Paulo através de suas associações culturais e de ajuda assistencial. Da leitura deste material constatamos que os imigrantes espanhóis criaram sociedades de ajuda mútua e culturais, de fins do século XIX até as três primeiras décadas do século XX. Segue-se um intervalo de tempo, dos anos 30 aos anos 50, em que não aparece a criação de novas sociedades. Posteriormente, a partir dos anos 50, novas sociedades voltam a ser criadas.

Devido a esta constatação, pesquisamos estas associações e a atuação de seus membros, dividindo a imigração espanhola para o Brasil em dois momentos históricos e caracterizando os imigrantes espanhóis nestas distintas épocas :

- 1) Os imigrantes que vieram de finais do século XIX até os anos 30 e que se dirigiram, a princípio, para as fazendas de café de São Paulo, por ser esta época a que demandou mão de obra para a lavoura.
- 2) Os imigrantes que vieram depois da Guerra Civil Espanhola e da



2^a Guerra Mundial e que se dirigiram principalmente para a cidade de São Paulo que começava a desenvolver seu parque industrial e, portanto, necessitava mão de obra mais especializada.

Da leitura dos livros de atas da "Sociedade Española de Socorros Mútuos", pudemos constatar que alguns elementos conhecidos nos meios acadêmicos como ativos participantes do movimento operário paulista estavam simultaneamente atuando nesta sociedade mutualista e em outras sociedades culturais e de defesa ao elemento espanhol. Constatamos também a presença destes elementos na imprensa dirigida à classe trabalhadora e à divulgação das idéias libertárias. Fizemos então uma investigação na bibliografia existente sobre o tema, constatando que raramente fazem alusão aos elementos de nacionalidade espanhola. Procuramos rastrear a presença e a participação dos imigrantes que chegaram no primeiro momento, no movimento operário e libertário de São Paulo do início deste século, constatando que eles fizeram parte desta história juntamente com italianos e portugueses, fato previsível, pois a formação do operariado paulista desta época era marcada principalmente por imigrantes. Esta bibliografia dá sempre um grande destaque ao elemento italiano. Isto pode estar ligado ao fato de os espanhóis terem tido uma forte presença no movimento libertário que, por princípio, prega o internacionalismo do movimento operário, não se identificando, assim, como espanhóis. Não obstante, nos foi possível constatar sua presença através de seus nomes, indiscutivelmente de origem espanhola e por termos encontrado alguns nomes que estavam ao mesmo tempo no movimento trabalhista e em associações de imigrantes espanhóis, como por exemplo Everardo Dias e Valentin Diego.

Os imigrantes desta primeira época, deixaram registrada sua presença, através de suas associações mutualistas, seus jornais, sociedades culturais e recreativas e de repatriação. Das sociedades fundadas por estes imigrantes, a maioria não ostentava nomes que se reportassem as regiões da Espanha, mas sim, à Espanha enquanto Nação ou a nomes de personalidades espanholas, fato que dava sustentação à nossa hipótese inicial de que o espanhol na imigração assim se definia em primeiro lugar, vindo só posteriormente o sentimento regional. Sua identidade nacional se definia ou reforçava fora da Espanha e frente a elementos de outras nacionalidades.

Após a Guerra Civil, na Espanha abriu-se um profundo abismo na sociedade dividindo-a em duas facções contrárias : os pró-franquismo e os anti-franquismo. Este fato é bastante compreensível quando tomamos conhecimento dos horrores daquela guerra interna que durou três anos, devastou a economia espanhola e afetou a todos os espanhóis independentemente de seu nível social ou econômico. As consequências nefastas desse episódio somadas à devastação econômica da Europa, em geral, após a segunda Guerra Mundial, originaram um tipo de emigração diferente da que chegou ao Brasil até os anos trinta.

Estes imigrantes que chegaram em número significativo de 1946 até os anos sessenta trouxeram consigo, reforçando entre os que aqui já se encontravam e que não eram indiferentes aos acontecimentos na Espanha, a mesma divisão que se processara na sociedade espanhola. Estas divergências se refletiram em suas associações, tantos nas que já existiam como nas que foram sendo criadas à medida que novos imigrantes chegaram. Observa-se então, uma proliferação de sociedades espanholas com denominações regionais e, como veremos na sequência deste trabalho, associadas com divergências ideológicas. Naturalmente, não podemos deixar de registrar que com a instauração do governo franquista na Espanha todas as manifestações culturais regionais foram reprimidas, pois o novo regime queria uma Espanha "*una, grande y libre*". Assim, se poderia esperar que uma vez longe desta repressão os espanhóis se agrupassem regionalmente já que isto não lhes era possível em seu país. Porém o que constatamos é que uma associação de uma determinada região da Espanha não excluía membros originários de outras regiões. Desenvolviam e cultivavam suas culturas específicas sem, porém, desdenhar a cultura de outras regiões. Ou seja, um galego em São Paulo cultivava, em seu centro, a cultura galega especificamente, mas, também apreciava e se orgulhava da cultura da região andaluza, por exemplo. O pertencimento a grupos regionais culturalmente diversificados não opunha um espanhol ao outro, porém, um dado que os opunha e, realmente, dividia era o seu posicionamento quanto ao regime franquista. Era bastante comum ouvir-se entre membros da colônia espanhola : "estes galegos são todos uns fascistas", quando se referiam aos associados da "Casa de Galicia", entretanto os que estavam no "Centro Galego", apesar de serem da mesma região não eram assim rotulados. Fomos levados,

assim, a pensar que as divisões regionais, na verdade, ocultavam divisões ideológicas.

Com o passar do tempo as diversas associações regionais, fosse por falta de novos imigrantes e por desinteresse das novas gerações de espanhóis já nascidos no Brasil e, talvez já totalmente integrados à cultura brasileira, fosse por haverem paulatinamente sido superadas as divergências ideológicas, acabaram se unificando na década de setenta à "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos" que é hoje a única sociedade da colônia espanhola existente na cidade de São Paulo. No entanto, este processo de unificação de todas as associações espanholas, deixou transparecer, em alguns momentos, que ressentimentos antigos ainda pairavam entre seus componentes.

Ainda recentemente, no ano de 1988, através de um rápido survey pudemos constatar que essas feridas ainda não estão totalmente cicatrizadas entre os espanhóis residentes em São Paulo, diferentemente do que ocorre entre os que nunca saíram da Espanha. Neste ano, cumprindo determinação do governo espanhol, o Consulado convocou eleições para escolher, dentre membros da colônia espanhola, um grupo de representantes que atuasse junto às autoridades consulares dando sugestões sobre os problemas que afetam aos seus membros. Devido ao nosso envolvimento com a colônia durante a nossa pesquisa, e por sermos também imigrantes, acabamos participando ativamente dessas eleições sendo eleitos por uma das listas apresentadas. Aproveitando a oportunidade, elaboramos um questionário e durante a votação deste conselho o aplicamos aos eleitores. Os resultados dessa pesquisa nos deram prova de que os ressentimentos, todavia, não estão totalmente superados entre os espanhóis. A participação neste conselho nos deu uma experiência bastante rica e nos forneceu dados sobre a colônia que dificilmente obteríamos como observadores externos. Assim, pudemos incluir neste trabalho uma análise da colônia espanhola como se encontra hoje e como se refletiu, na sua trajetória histórica, esta divisão ideológica como um elemento importante para a sua dispersão e consequente diluição na sociedade paulistana.

No primeiro capítulo apresentamos dados estatísticos sobre o número total de imigrantes espanhóis entrados em território brasileiro de 1884 a 1983. Devido à grande dificuldade de encontrarmos dados que coincidissem entre os dois países, acabamos

nos decidindo pelo material organizado pelo "Instituto Español de Emigración", apenas pelo fato de já estar sistematizado e publicado em um boletim. Utilizamos uma tabela comparativa entre as três correntes imigratórias mais importantes para o Brasil, onde fica demonstrado que o elemento espanhol apresentava uma tendência a se instalar, em sua maior parte, no estado de São Paulo. A partir de dados obtidos nesta tabela, pudemos constatar também que os casamentos inter-grupais não foram muito frequentes entre espanhóis e italianos, ao menos no período analisado.

No capítulo II, descrevemos a participação do imigrante espanhol na história dos movimentos operário e libertário de São Paulo e na sua produção cultural. Este estudo está baseado na bibliografia existente sobre os referidos movimentos e em algumas entrevistas feitas com participantes do "Centro de Cultura Social", que agrega elementos com idéias libertárias. Acreditamos ser de suma importância, não apenas o fato de termos constatado a presença do imigrante espanhol nestes movimentos, mas também o fato de alguns destes líderes conhecidos pelos estudiosos do tema, estarem ao mesmo tempo ligados à organização dos trabalhadores paulistas e às sociedades de ajuda mútua e de defesa dos imigrantes espanhóis. Parece-nos que este fato evidencia que a opção por uma determinada ideologia não anula o sentimento de pertencer ao seu grupo étnico.

A vida da coletividade espanhola em São Paulo, capital, suas preocupações com os temas referentes aos acontecimentos tanto da Espanha como do Brasil, sua solidariedade grupal fica evidenciada no levantamento e análise que fizemos na "Sociedade Española de Socorros Mútuos", descrita no terceiro capítulo. É, sem dúvida, a parte substancial do nosso trabalho, por ter sido esta sociedade a que nos forneceu o maior número de elementos para nossa análise, tanto através de documentos, como jornais e entrevistas realizadas com seus membros que, em pequeno número, participaram da organização e fundação das demais associações da colônia espanhola em São Paulo, no que caracterizamos como segunda época da imigração espanhola.

Fizemos um levantamento das sociedades que existiram no interior de São Paulo desde o momento que começaram a chegar grandes quantidades de imigrantes para trabalhar nas fazendas de café. Este levantamento feito através dos documentos localizados na "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos", não nos dão

muitos elementos sobre a vida do imigrante espanhol, no interior de São Paulo, porém, evidencia sem dúvida a solidariedade grupal a partir do elemento que os identificava, ou seja, a nacionalidade.

A análise feita sobre as várias sociedades regionais que existiram na capital paulista, evidencia a preocupação que estes grupos tinham em manter suas raízes culturais, através da preservação de suas danças, músicas, comidas típicas e principalmente o contato entre os membros como forma de não perderem o elo que os ligava à Espanha. Evidencia também, as divergências ideológicas e as dificuldades de certos grupos em relacionar-se com as autoridades oficiais do regime franquista e com outros grupos que se aproximavam, abertamente ou não, deste regime.

O capítulo dedicado à história da imprensa espanhola editada aqui em São Paulo, acreditamos que sintetizou a história dos imigrantes espanhóis em São Paulo, principalmente no que diz respeito ao orgulho do "ser espanhol" que nunca abandonou os imigrantes, aos laços que tentavam manter com a sua pátria através da divulgação de notícias da Espanha e principalmente à tentativa, de um ou outro articulista, de chamar a atenção para os riscos de uma colônia dividida, e da necessidade de se agruparem para o seu fortalecimento.

Na conclusão deste trabalho, destacamos a importância das políticas emigratórias italianas no sentido de manter um vínculo com seus emigrantes. Diferentemente, a Espanha por ter tido durante grande parte do período emigratório, políticos e intelectuais com uma mentalidade anti-emigração e pela ausência de políticas emigratórias que estreitassem o vínculo com seus emigrantes, acaba dispersando seus nacionais que ficavam entregues à sua própria sorte. A partir da instauração do regime franquista as hostilidades são mútuas entre representantes do Estado Espanhol, e grupos pró e anti- franquistas. Essa força desagregadora atingiu especialmente aos imigrantes do segundo momento, que por suas características e por ter sido uma imigração mais recente e quase que totalmente dirigida para a zona urbana, poderia ter tido uma presença marcante, se tivesse havido coesão.

I- A EMIGRAÇÃO ESPANHOLA PARA SÃO PAULO

I.1 Espanha país de expulsão

A Europa, em geral, passou por profundas mudanças econômicas entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. As dificuldades a que se vêm sujeitos os seres humanos em momentos de transformações profundas geram inquietudes que os levam a procurar oportunidades de vida e de sobrevivência em outras terras. Assim, poderíamos afirmar que as causas essenciais para os grandes deslocamentos de europeus para a América entre o final de século passado e o início deste foram, de um modo geral, as mesmas e são bastante conhecidas graças aos estudos sobre imigração que já foram realizados.¹

A Espanha, em particular, além das transformações econômicas referidas e consequentes dificuldades de sobrevivência das camadas de população mais pobres, enfrentou dificuldades de ordem interna que agravaram o quadro acima exposto comuns a outros países europeus. Foram dificuldades econômicas e inquietações de ordem política geradas, por exemplo, pelas guerras da África (1893), guerra de Cuba (1895), Insurreição nas Filipinas (1896), guerra com os EUA (1898). As maiores crises econômicas enfrentadas pela Espanha da segunda metade do século XIX repercutiram, profundamente, no setor agrícola que tinha técnicas bastante atrasadas em relação a outros países mais adiantados da Europa. A produção espanhola estava destinada em sua maioria ao consumo interno em decorrência da baixa produtividade. Este tipo de produção levou a Espanha a viver inúmeras crises de alimentação que afetavam diretamente a população mais pobre e que acirravam a disputa política entre grupos liberais e conservadores. Por ser a Espanha um país com uma economia essencialmente agrícola essas crises atingiam a maior parte da população espanhola. "...la Nación

¹ Sobre as causas econômicas da emigração europeia ver : "Homens sem Paz" de Constantino Ianni; "Emigração Família e Luta : Os Italianos em São Paulo - 1870-1920", dissertação de mestrado de Zuleika Alvim; "As Dificuldades de Adaptação do Imigrante Italiano no Estado de São Paulo - Repatriação e Reemigração. 1889-1920", dissertação de mestrado de Lia R. Mertizig; "Imigração" in "O Brasil Republicano II" de Maria Tereza S. Petrone.

española centrada en torno de la agricultura tradicional y la crisis influía por lógica en las demás actividades económicas en las condiciones sociales e incluso en la conjuntura política ...". «)

Os espanhóis que já emigravam para a América Espanhola por questões históricas, nesse contexto econômico e social foram atraídos para o Brasil, mais especificamente e, de maneira mais intensa, para São Paulo, a partir de 1885, ano em que o estado de São Paulo passa a subsidiar os gastos de transporte desde o país de origem dos imigrantes até as fazendas de café paulistas, conforme ressaltava Elda Gonzales em seu livro "Café y Inmigración : Los Españoles em São Paulo, 1880 - 1930". Este breve pano de fundo econômico e social indica de maneira geral as razões da saída dos espanhóis de finais do século XIX até as três primeiras décadas do século XX. Naturalmente outras causas concorreram para a emigração desta época, porém poderíamos aceitar como a mais importante a acima descrita.

Os emigrantes que saíram da Espanha no que caracterizamos segundo momento (depois da Guerra Civil Espanhola e da 2ª Guerra Mundial) tiveram também causas econômicas como determinantes, porém não apenas estas, pois emigravam agora também os perseguidos pela ditadura franquista, os exilados políticos e os que não concordavam em viver baixo tal regime.

A figura do exilado político não foi muito presente no Brasil o que não significa que os imigrantes que para cá se dirigiram fossem neutros quanto aos acontecimentos da Espanha. De qualquer modo, estes acontecimentos geraram um tipo de imigrante um pouco distinto do que veio no primeiro momento. Com isto não queremos dizer nem melhor e nem pior, mas apenas distinto, pois fruto de causas também diversas tanto na Espanha como no Brasil, que neste momento solicitava um tipo de imigrante diferente daquele necessário para as fazendas de café.

I.2 - Brasil país de recepção

Com o início do processo de extinção do regime escravista no Brasil ainda no império, foi assinada em 1850 a Lei Euzébio de Queirós que proibia o tráfico de escravos africanos. Nesse mesmo ano foi assinada a primeira lei de terras no Brasil, lei esta que impedia o acesso à terra a quem não tivesse recursos financeiros.

Esta lei visava especificamente os negros que a partir de então dir-se-ia estarem mais próximos de conseguir sua liberdade e os imigrantes que começavam a chegar para substituir o trabalho escravo.

Com o desenrolar do processo de libertação dos escravos, os imigrantes europeus iam sendo incluídos no cenário nacional para substituir a mão de obra escrava que inevitavelmente iria desaparecer.

A imigração maciça da Europa foi grandemente incentivada pelas autoridades, principalmente em São Paulo, por pressão dos cafeicultores que reclamavam, em todas as ocasiões, braços para a lavoura. Esta necessidade estava relacionada com o aumento das exportações de café e com a expectativa de crise de mão de obra que esperava produzir-se com a libertação dos escravos.

"Intensificado, pois, o fluxo imigratório, foi necessário estabelecer-se uma política adequada às novas condições. Desde D. João VI houve tentativas de colonização com a criação de núcleos coloniais formados por alemães, suíços e açorianos. Seus objetivos eram puramente demográficos (...) Tendo várias destas colônias sido mal sucedidas, começou a formar-se a oposição de elementos ligados à grande lavoura que estavam mais interessados na obtenção de mão de obra para suas fazendas, do que propriamente empenhados numa política de povoamento ...". (2)

Para conseguir atrair para cá imigrantes europeus, os interessados utilizaram-se de meios como a propaganda feita através de agenciadores na Europa e subsídios para as despesas de viagem desde a Europa até o destino final que era a fazenda de café. Não é, porém, nosso objetivo nos estender mais neste tema, por já ter sido ele bastante estudado em trabalhos sobre imigrações em geral. Vale apenas ressaltar que os atrativos de que se lançou mão, para o imigrante espanhol foram exatamente os mesmos, assim como as práticas para atraí-los nem sempre tão honestas, usadas para os imigrantes de outras nacionalidades. No que diz respeito ao segundo movimento imigratório importante de espanhóis para o Brasil, as justificativas para a escolha de São Paulo estão ligadas ao desenvolvimento do parque industrial paulista dos anos 50 e à necessidade de mão de obra especializada para a indústria, sobretudo a automobilística.

I.3 - Os espanhóis em São Paulo (aspectos quantitativos)

Existe uma enorme dificuldade em se precisar o número de espanhóis que entraram em São Paulo durante toda a época da imigração para o Brasil. Dentre os principais fatores que explicam essa dificuldade estão, do lado brasileiro, a falta de um trabalho já sistematizado que dê conta do número total de imigrantes dessa nacionalidade entrados no país. A imigração espanhola no Brasil ainda não foi estudada satisfatoriamente como foi a italiana, por exemplo. Assim, qualquer pesquisador que queira se debruçar sobre o tema partirá de quase nada no que diz a publicações específicas. Quanto aos estudos feitos na Espanha sobre emigração, eles existem em pequena quantidade, porém esses estudos e dados estatísticos referem-se sempre ao país de destino dos emigrantes, o que dificulta precisar nesse total os que se instalaram, por exemplo, em São Paulo. Há, ainda, disparidade nos números quando comparamos os dados de ambos os países. Existe na emigração espanhola um grande número de indivíduos que deixaram o país clandestinamente, ou seja, que não aparecem nas estatísticas. Além disso é significativo o número de espanhóis que não participaram de uma imigração dirigida ou subvencionada, diferentemente dos italianos e japoneses, o que talvez tenha dificultado estudos estatísticos.

Como o objetivo principal de nosso estudo não é investigar quantitativamente a imigração espanhola, aceitaremos as afirmações tanto da Espanha como do Brasil que a corrente migratória espanhola para este país é a terceira em importância numérica. Segundo o boletim do Instituto Espanhol de Emigração intitulado "Informe sobre la emigración española en Brasil", foi o seguinte o total de espanhóis emigrados para o Brasil :

TABELA I - Imigração Espanhola no Brasil 1884/1914(a)

Períodos	Cifras Absolutas	Média Anual
1884/1900	183.786	26.255
1901/1910	129.241	12.924
1911/1914	122.642	30.660
Total :	435.669	

TABELA II - Imigração Espanhola no Brasil 1915/1945⁽⁴⁾

Períodos	Cifras Absolutas	Média Anual
1915/1919	38.166	7.633
1920/1924	44.906	8.981
1925/1929	37.025	7.405
1930/1934	9.571	1.914
1935/1939	3.175	635
1940/1945	684	137
Total :	133.527	

TABELA III - Imigração Espanhola no Brasil 1944/1983⁽⁵⁾

Período	Cifras Absolutas	Média Anual
1946/1959	91.500	6.536
1960/1969	32.191	3.219
1970/1983	2.219	159
Total :	125.910	

De todo o material por nós consultado, relativo ao número de imigrantes espanhóis entrados em território brasileiro, o problema é determinar desse total quantos vieram para São Paulo. Entretanto, o boletim acima referido ressalta a grande importância numérica de espanhóis que se dirigiram para São Paulo : "... la corriente migratoria española hacia Ultramar se orienta hacia Brasil y particularmente hacia el estado de São Paulo ..."⁽⁶⁾, o que nos permite trabalhar com a hipótese que o maior número se dirigiu para o estado de São Paulo.

Segundo o mesmo "Informe sobre la emigración española en Brasil", os imigrantes espanhóis ingressaram em sua grande maioria pelo porto de Santos. De acordo com a mesma fonte, 171.189 dos 219.142 espanhóis em território brasileiro estavam instalados no estado de São Paulo, segundo o Censo Brasileiro de 1920. No que se refere à instalação desses imigrantes, a maioria se dirigiu às fazendas de café.

O período mais significativo, em termos numéricos, de entrada de espanhóis para o Brasil fica evidenciado nas tabelas acima como sendo de 1884 a 1930 e de 1946 a 1969. Caracterizamos estes dois

períodos de maneira distinta por terem sido momentos históricos diferenciados tanto no que diz respeito às causas de saída destes imigrantes da Espanha como aos fatores que os atraíram para o Brasil.

Na tabela IV, extraída do "Boletim da Diretoria de Terras Colonização e Imigração", temos um quadro comparativo entre as três mais importantes correntes migratórias : italianos, espanhóis e portugueses onde se vê que os espanhóis permaneciam em São Paulo em maior número que as outras duas nacionalidades. Pelo saldo migratório dos espanhóis podemos constatar que constituíam o grupo que alcançava a maior porcentagem dos que permaneciam em São Paulo, confirmando a tendência do elemento espanhol a instalar-se em São Paulo.

TABELA IV - Quadro do movimento imigratório de Santos 1908/1939 (7)

Nacionalidade	Entrada	Saída	Saldo	Saldo (%)
Portugueses	287.614	183.324	104.290	36.3
Espanhóis	209.736	102.931	106.805	50.9
Italianos	205.761	179.575	26.186	12.7

Ainda desta tabela podemos concluir que o saldo imigratório dos espanhóis foi maior que o dos italianos o que põe em dúvida a suposição de que a quantidade de membros de uma determinada colônia seja a explicação essencial para justificar a sua hegemonia cultural sobre outros grupos. Esta última tabela, contém ainda os seguintes dados a respeito dos imigrantes espanhóis : estado civil (37,05% casados e 60,28% solteiros) e sexo (40,61% do sexo feminino e 59,30% do sexo masculino). Este dado sobre o número de homens solteiros nos levou a pensar que se estes homens solteiros se tivessem casado com mulheres de origem italiana, este fato poderia oferecer mais elementos de explicação para a primazia da cultura italiana em São Paulo, dada a grande importância da mulher na transmissão da cultura no âmbito doméstico.

A fim de investigar esta suposição foi realizada uma consulta ao 16º cartório da Moóca para verificação de alguns livros de registro de casamentos e nascimentos. Devido ao fato de ter sido constatada uma maior entrada de espanhóis no Brasil na década de 1910, como registra Petrone em seu estudo sobre as imigrações, "...o maior contingente de espanhóis é da década de 1910 quando se

registraram 181.657 imigrantes dessa nacionalidade..." «a), foram consultados os livros dos anos de 1911 e 1926 a título de comparação. A escolha de um cartório no bairro da Moóca, deve-se ao fato de este bairro ter sido citado como "tipicamente espanhol" por imigrantes e descendentes de espanhóis por nós entrevistados.

Desta consulta, não se verificou, em nenhum dos anos pesquisados, um número tal de casamentos entre espanhóis e italianos que justificasse o predomínio da cultura italiana sobre a espanhola através do casamento, conforme pode ser constatado nos dados abaixo relacionados .

a) Livro 01 de registros de nascimento que abrange de março a julho de 1911, num total de 602 registros. Foram registrados nesse período 83 filhos de espanhóis (13,78% do total). A maioria dos casais era composta por espanhóis.

b) Livro 01 de registros de casamentos que abrange de março de 1911 a janeiro de 1912, num total de 338 casamentos. O total de casamentos de indivíduos de nacionalidade espanhola foi de 60, (17,80% do total) e a grande maioria desses casamentos era entre os próprios espanhóis.

c) Livro de registros de nascimentos de janeiro a abril de 1926, num total de 694 registros. Foram registrados 224 filhos de espanhóis (32,28% do total), continuando o predomínio de casamentos entre espanhóis. Neste período já se constata o registro de casamentos entre espanhóis e brasileiros, porém a grande maioria desses brasileiros são de ascendência espanhola.

O que ficou evidenciado nesta investigação, foi a presença de imigrantes das três correntes mais importantes, a italiana, a espanhola e a portuguesa no bairro da Moóca, como acontecia, de resto, em outros bairros operários como o Bráz, já que a composição do operariado nas primeiras décadas deste século era quase totalmente de imigrantes e seus descendentes. O fato de ali se encontrarem, todavia, parece não ter repercutido significativamente sobre casamentos intergrupais.

NOTAS

- 1- Nicolás Sanches Albornoz; "Espanña Hace um Siglo", Alianza Editorial, Madrid, pag. 15.
- 2- Lia R. L. Mertizig; "As Dificuldades de Adaptação do Imigrante no Estado de São Paulo - Repatriação e Reemigração"; Dissertação de mestrado, FFLCH - USP, mim., pag 35.
- 3- Informe sobre la Emigración Española en Brasil; Instituto Español de Emigración, Madrid, março 1985, pag.1.
- 4- Op.Cit.; pag.1, (O Instituto Español de Emigración cita como fonte o Departamento de Imigração, Instituto Nacional de Imigração e Colonização, Brasil).
- 5- Op.Cit.; pag. 3; Ibidem.
- 6- Instituto Español de Emigración, op. cit.; pag. 4 .
- 7- Boletim do Serviço de Imigração e Colonização - São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio; março de 1941, pag. 47 .
- 8- Maria Tereza S. Petrone; "Imigração" in "O Brasil Republicano III"; DIFEL, S.P., pag.101

II- A INSERÇÃO DO IMIGRANTE ESPANHOL NA SOCIEDADE PAULISTANA : ATUAÇÃO POLÍTICA E CULTURAL

A grande maioria dos espanhóis entrados no Brasil até os anos 30 dirigiu-se para as fazendas de café. Porém, grande parte deslocou-se, depois, para a capital do estado. Podemos acompanhar a trajetória destes imigrantes através de sua inserção nas indústrias paulistanas como operários e da sua presença como artesãos, pequenos empresários e comerciantes.

Na capital do estado de São Paulo os imigrantes espanhóis trabalharam como operários de indústrias, da construção civil e das estradas de ferro. No litoral paulista, na cidade de Santos, realmente predominaram como operários e portuários, " ... Santos se define como centro de lutas frontais, sob inspiração libertária, abrangendo tanto portuários como outros ramos, em especial a construção civil. Classe operária composta em grande parte por espanhóis e portugueses ...". «

Na segunda grande onda de imigração espanhola para o Brasil, a partir de 1946, as características já eram bem diferentes das dos imigrantes que no passado vieram como trabalhadores para o campo. As necessidades de então, como já tivemos ocasião de mencionar, não eram de trabalhadores para as fazendas de café, mas de operários especializados para a indústria. Além disso, a Constituição Federal de 1934 estabelecia regras mais rígidas para a entrada de trabalhadores estrangeiros. As novas leis exigiam, entre outras coisas, além da cota de 2% sobre o total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos 50 anos, a prova de exercício de profissão lícita ou a posse de bens, e ainda que fossem indivíduos alfabetizados.

Para detectar a presença do imigrante espanhol na cidade de São Paulo, foi feito inicialmente um levantamento bibliográfico dos movimentos operários do princípio do século XX. Há uma vasta bibliografia que trata do assunto a nível das lutas operárias, movimento libertário e da produção cultural do operariado paulistano nessa época, que teve uma classe trabalhadora bastante atuante na defesa de seus interesses, politicamente diversificada e culturalmente rica. Não abordaremos este tema, já bastante estudado, do ponto de vista da análise política da trajetória destes movimentos. Assinalaremos, somente, a presença espanhola nos

mesmos, que por não ter ainda sido objeto de um estudo específico, é muitas vezes esquecido ou relegado a uma importância secundária no que diz respeito à sua atuação.

No início do século XX a grande maioria do operariado paulistano era composta por imigrantes de várias nacionalidades, com predominância de italianos e espanhóis. Apesar dos imigrantes europeus chegados entre o final do século XIX e princípio do século XX serem, em sua grande maioria, de origem camponesa e analfabetos, eram preferidos aos trabalhadores nacionais : "... Para trabalhar nos modestos centros industriais que surgiam onde as estradas de ferro mantinham oficinas mecânicas, preferia-se contratar estrangeiros em vez do proletariado local ..." (...) "... Nas fábricas de tecidos da cidade os imigrantes, muitos deles mulheres e crianças, trabalhavam em horários intermináveis, alguns refluíam de experiências desastrosas nas fazendas de café, muito desiludidos com a terra prometida ...".(2)

Em tese recentemente defendida por Elda E. Gonzales Martínez, sobre os espanhóis que vieram para São Paulo para trabalhar nas fazendas de café, a autora conclui que o contingente espanhol que se dirigiu a São Paulo até 1930 era constituído por grupos familiares de camponeses muito pobres, saídos principalmente da região da Andaluzia. "... Estará constituído por grupos familiares salidos de España solo porque se les habia facilitado el pasaje. Los lugares de proveniência, Andaluzia, sobre-todo, demuestra que nos encontramos con campesinos sin tierras, muy pobres, quizás los más pobres..."(3)

É apropriado ressaltar neste ponto, a análise feita por Hobsbawm em "Os Anarquistas Andaluzes", onde o autor conclui que a peculiaridade do movimento da Andaluzia, no final do século XIX, foi a transformação notavelmente clara e prematura das perturbações sociais e da intranquilidade revolucionária em um movimento especificamente e politicamente consciente da revolução social agrária, sob liderança de anarquistas. Traçando um paralelo entre a Andaluzia e a Itália Meridional, Hobsbawm conclui : "... na Itália, onde havia assim como na Andaluzia, qualidades essenciais daquele fermento primitivo e indiferenciado, produziu-se o bandoleirismo revolucionário social, bandoleirismo de latifundiários ou a combinação de ambos com a Máfia na Sicília. Na Andaluzia, produziu-se um movimento com linhas políticas e pureza características, com



uma ideologia anarquista ou mais precisamente comunista-libertária.". (4)

Parece ficar evidenciado que os imigrantes espanhóis entrados em São Paulo no período estudado por Gonzalez, traziam uma bagagem cultural e política que esteve presente de maneira marcante no movimento operário paulista, o que nos leva a acreditar que a participação do elemento espanhol foi de grande influência nesse movimento. É possível encontrar nomes de origem espanhola na historiografia sobre os movimentos operários. "... No fim do século XIX, também da Espanha vieram imigrantes que contribuíram para as primeiras batalhas dos anarquistas contra a burguesia. Entre eles Everardo Dias e Florentino de Carvalho (pseudônimo de Primitivo Raimundo Soares)". (5) A importância de se destacar o nome de Everardo Dias prende-se ao fato de que, ao mesmo tempo em que atuava no movimento libertário, estava presente na diretoria da "Sociedade Española de Socorros Mútuos", da qual falaremos em outro capítulo.

Os espanhóis estiveram presentes nas fábricas, ferrovias, e porto de Santos, como artesãos, sapateiros etc., porém parece que uma atividade em que estiveram em número considerável foi a de gráficos, o que facilitou que se tornassem fundadores e colaboradores da imprensa operária ou libertária. São exemplos disto "A Terra Livre", fundado em 1905 por Manuel Moscoso entre outros; "O Libertário"; "O Socialista", órgão do Centro Socialista de São Paulo, publicado em 1896 com artigos em português, espanhol e italiano; o jornal sindicalista "Grito del Pueblo", fundado por Everardo Dias e Valentin Diego; o jornal "Na Barricada", dirigido por Manuel Campos em 1915/16, ou ainda o jornal "O Trabalhador Gráfico", que teve a colaboração de Isidoro Diego. A grande maioria destes nomes foi por nós encontrada em documentos de fundação e direção dos órgãos associativos da colônia espanhola.

Nas famosas greves de 1917 é possível detectar os nomes de participantes ativos que eram imigrantes espanhóis, como por exemplo : "... o operário Antonio Iñigues Martínez, morto pela polícia em decorrência do choque entre militares e grevistas nas imediações da Fábrica Mariangela ...". (6)

Nas greves da "Docas de Santos" (dezembro de 1920 a fevereiro de 1921) destacam-se operários de origem espanhola e sua participação serviu de pretexto para se aplicar, pela primeira vez,

a Lei Arnolfo Azevedo que regulava a expulsão de estrangeiros : "... O delegado Ibraim Nobre prendeu grande número de grevistas, não se esquecendo de Deoclécio Fagundes e Florentino de Carvalho, preparando também a deportação dos anarquistas estrangeiros. Estava particularmente empenhado em expulsar Manuel Campos ...". Campos foi deportado para a Espanha em março de 1921. Em 1919, Everardo Dias já havia sido deportado. "... Dos 23 deportados no Benaventes, 18 provinham do estado de São Paulo, 3 do Distrito Federal e dois do estado do Rio de Janeiro. A lista policial que indicava a nacionalidade portuguesa e espanhola dos prisioneiros foi contestada ...". (7)

Ainda com referência às deportações, as estatísticas oficiais mostram que "... dos 132 expulsos do país em 1907, 47 eram portugueses, 27 eram espanhóis e 25 eram italianos ...". (8)

Na atuação cultural operária, os nomes dos imigrantes espanhóis também se destacam. Todavia, tratando da participação da mulher na experiência anarquista do princípio do século, Francisco Correa, em artigo publicado no livro "Libertários no Brasil" escreve sobre as dificuldades de se levantar todos os nomes ligados a este tipo de atuação, como confirma em depoimento o secretário do "Centro de Cultura Social", (centro que divulga as idéias libertárias), Jayme Cuberos, a produção cultural do movimento operário do início do século foi quase toda destruída. Entretanto, da lista levantada pelo autor do citado artigo, é possível detectar nomes de origem espanhola, como por exemplo : Esmeralda Barrios, Nena Valverde, Candida Alarcón, Mercedes Solé, Nieves Simón e Maria Valverde Dias, entre outros. A participação da mulher no movimento libertário deu-se principalmente através do teatro. "... O teatro foi, por mais de 50 anos, um dos mais eficientes veículos de divulgação do anarquismo a nível da família ..." (...) "... Atividade teatral com ajuda obrigatória do elemento feminino, também chegou a Campinas e Santos - a Barcelona brasileira". (9)

O teatro operário era escrito e encenado, muitas vezes, em língua estrangeira: italiana, predominantemente, e espanhola. Surge também a imprensa dedicada aos imigrantes. Impressa em suas línguas de origem, divulga a atividade teatral. "... Ao lado da imprensa italiana, implantava-se a espanhola ..." (10), como por exemplo "La voz de España", dirigido por Jose Eiras Garcia e "Grito del Pueblo" dirigido por Everardo Dias e Valentin Diego.

O espetáculo teatral destinava-se principalmente à propaganda das idéias libertárias, entretanto, a questão nacional de cada grupo era enfocada. "... Uma parte do espetáculo, coerentemente com sua origem imigrante, dedica-se a poesias e canções evocativas de diferentes lugares da Itália ou Espanha ...".⁴¹ Em 30 de setembro de 1905 o jornal "La Bataglia" noticiava : "... Sábado dia 9, teve lugar no salão do Liceu Espanhol a anunciada festa libertária, metendo-se em scene pela primeira vez o drama do companheiro Morales intitulado 'Los Conspiradores'. Não é, certamente, um trabalho libertário, mas contém uma crítica schiacciante e verdadeira contra as autoridades policiais e governamentais pelo modo infame e criminal de que se servem no preparo de falsos complots, disseminando nas massas o ódio contra inocentes trabalhadores brasileiros e intelectuais (de pensiero), justificando diante da ignorância popular suas infames repressões, condenações, deportações e martírios. Durante a representação, os atores receberam repetidos aplausos". Em 24 de março de 1923 "A Plebe" noticiava a morte de Felipe Morales, sapateiro bastante conhecido do proletariado de São Paulo. ⁴²

Segundo depoimento de Jayme Cuberos, ele mesmo descendente de espanhóis que se radicaram inicialmente na cidade de Jundiaí, "... os imigrantes espanhóis eram numerosos e bastante atuantes no movimento libertário. Apesar de chegarem, muitos deles, analfabetos, se instruíram e tiveram uma grande preocupação com a formação dos filhos. Criaram escolas, produziram jornais e teatro em espanhol, e havia uma grande convivência social entre eles. Até 1950 eu vivi isso. A maioria dos espanhóis de peso no movimento eram autodidatas. Havia um grande número de espanhóis na categoria dos gráficos, dos sapateiros e dos marceneiros, que eram bastante eruditos. Tínhamos no Centro de Cultura Social um grupo que atuava em língua espanhola em 1933 - teatro feito por espanhóis. Dávamos espetáculos alternados em espanhol e português. Muitos dos textos eram escritos pelos trabalhadores, maioria autodidata. Traziam livros da Espanha, mesmo sem saber ler. Os espanhóis levaram teatro em espanhol, no Bráz, para a colônia, muitas vezes para arrecadar fundos de solidariedade para companheiros necessitados". ⁴³ "... ainda em 1945, no Centro de Cultura Social, as famílias Valverde, Dias e Cuberos, constituem elemento fundamental para as atividades do Centro ...". ⁴⁴

A segunda onda imigratória espanhola para o Brasil, como já referimos, de importância numérica significativa, dá-se no período de 1946 a 1969. Por exigências legais e necessidade de mão de obra específica, era necessário ao imigrante provar ter uma atividade profissional (principalmente os técnicos para a indústria), e prová-la através de contratos de trabalho. Era comum, também, o uso de cartas de chamada emitidas por espanhóis já radicados no Brasil, a fim de garantir a permanência dos novos imigrantes. Muitos destes imigrantes vieram através do CIME - Centro Intergovernamental para as Migrações Europeias - ou da CICM - Comissão Internacional Católica para as Migrações. Estes organismos pagavam as passagens e garantiam a colocação de técnicos para as indústrias, principalmente siderúrgicas e metalúrgicas. A realidade, porém, é que um grande número destes imigrantes não era constituído por mão de obra pré-colocada.

Em 1960, em pesquisa realizada por Antonio Jordão Neto com um grupo de imigrantes espanhóis, ficou constatado que a grande maioria chegou ao Brasil sem ter idéia do local onde ia trabalhar ou que função exerceria. Quanto às exigências legais, prova de qualificação técnica e de ter contrato de trabalho, essa mesma pesquisa evidenciou que um dos motivos para os espanhóis escolherem o Brasil eram "as facilidades de embarque proporcionadas, principalmente, pelas autoridades encarregadas do problema da seleção de imigrantes no exterior, bem como pelas autoridades consulares, através da negligência das mesmas na observação e controle das categorias profissionais preferenciais para o ingresso no país ...".(15)

Devido a estas exigências legais para a entrada de novos imigrantes, desenvolveu-se entre os espanhóis uma rede de solidariedade para os que queriam ou necessitavam sair da Espanha. Muitos destes imigrantes não tinham, na verdade, nenhuma especialização profissional, sendo trabalhadores braçais ou camponeses, o que dificultava o trâmite burocrático para entrarem no Brasil. Os espanhóis já aqui estabelecidos, sensibilizados pela situação de seus patrícios que necessitavam sair, quer por perseguições políticas da ditadura franquista, quer por questões de ordem econômica, formaram uma corrente de solidariedade que permitiu que muitos pudessem emigrar para o Brasil através da emissão de falsos contratos de trabalho para pseudo-técnicos de

carpintaria, técnicos para as indústrias de calçados, marceneiros, metalúrgicos etc. Um espanhol que tivesse uma pequena oficina ou empresa de economia familiar registrada legalmente fazia "contratos de trabalho" para os "técnicos" que necessitassem emigrar para o Brasil. Podemos citar como exemplo : "... Alfredo Chaves, um espanhol que tinha uma pequena fábrica de sapatos, produzia uns 20 pares de sapatinhos de bebê na sua própria casa. Os imigrantes necessitavam carta de chamada para justificar a necessidade de um técnico. Ele, com aquela fabriquinha deu uma quantidade de contratos de trabalho imensa para os que queriam vir para o Brasil, fugindo da repressão franquista. Ele era chamado o consul anti-franquista. Abrigava os espanhóis anti-franquistas, O pessoal chegava não tinha para onde ir, ia para a casa dele até conseguir se encaminhar ...".(16)

Era uma prática bastante comum essa, independente da ideologia política. Essas pessoas ao chegarem ao Brasil eram acolhidas pelos seus patrícios que além dos "contratos", muitas vezes lhes davam abrigo em suas casas até que pudessem começar suas próprias vidas. Muitos deles acabavam trabalhando temporariamente nas oficinas e pequenas fábricas de seus protetores, aprendendo um ofício para depois se estabelecerem ou encontrarem trabalho no ofício aprendido. Eram imigrantes de recursos bem modestos os que acolhiam seus patrícios em suas casas. "... Cheguei ao Brasil em 1952, com um contrato de marceneiro dado por um espanhol de Santos, mas eu era agricultor na Galícia. Fiquei morando uns tempos na casa de patrícios meus que eram vizinhos no "pueblo" onde eu nasci. Com eles aprendi a profissão de açougueiro, pois não me acostumei em outros empregos que tentei numa pedreira em Santos e como garçon num restaurante em Ribeirão Pires. Em 1954, mandei vir a mulher e dois filhos pequenos que tinham ficado na Espanha, depois de montar meu próprio açougue e alugar uma pequena casa que só tinha um dormitório e uma cozinha. Em casa só tinha a cama de casal e uma cama de solteiro para os dois filhos pequenos. Acolhi muitos patrícios que chegaram depois e que não tinham casa nem emprego. Ficavam na minha casa, os filhos iam dormir no chão, numa cama improvisada, deixando a cama deles para o hóspede. Ensinei a profissão a muitos espanhóis que depois se estabeleceram por conta própria ...".(17)

Por ser esta imigração ainda recente, é possível detectar com

facilidade muitas histórias como estas, desmistificando um pouco os relatórios oficiais que dão como uma imigração especializada esta última. Sem dúvida vieram muitos técnicos para as indústrias. Na região do ABC, por exemplo, é grande a presença de espanhóis que ali se radicaram em virtude de terem trabalhado nas indústrias da região, porém, a grande massa sem especialização que veio graças aos métodos acima expostos, acabou se estabelecendo em pequenos comércios, em geral alimentícios, em pequenas empresas de fundição ou metalurgia ou acabou vivendo de sub-empregos. Deste total de imigrantes, muitos conseguiram sobreviver, modestamente, educando e formando seus filhos com muitas dificuldades. Poucos conseguiram "fazer a América" acumulando grandes fortunas e uma quantidade significativa vive, hoje, em condições bastante lamentáveis, inclusive necessitando da caridade alheia.

NOTAS

- 1- Boris Fausto; "Trabalho Urbano é Conflito Social"; DIFEL, RJ, pag.126.
- 2- W. F. Dulles; "Anarquistas e Comunistas no Brasil"; Nova Fronteira, RJ, pag. 17.
- 3- Elda E. G. Martinez; "Café e Inmigración - Los Españoles en São Paulo - 1880-1930"; CEDEAL, Madrid, pags. 229/230.
- 4- Eric Hobsbawm; "Os Anarquistas Andaluzes" in "Rebeldes Primitivos"; Zahar Ed., pag. .
- 5- W. F. Dulles; Op.Cit., pag.10.
- 6- Ibden; pag. 51.
- 7- Ibden; pag. 103.
- 8- Ibden; pag. 125.
- 9- Francisco Correia; "Mulheres Libertárias" in "Libertários no Brasil"; Ed. Brasiliense, SP, pag 43/44.
- 10- M. T. Lima, M. T. Vargas; "Teatro Operário em São Paulo" in "Libertários no Brasil"; Ed. Brasiliense, SP, pag. 177.
- 11- Ibden; pag. 238.
- 12- Ibden; pag. 215.
- 13- Depoimento de Jayme Cuberos, secretário do "Centro de Cultura Social", gravado pelo pesquisador em 1988.
- 14- M. T. Lima, M. T. Vargas; Op. Cit., pag.215.
- 15- Antonio Jordão Neto; "O Imigrante Espanhol em São Paulo"; Secr. Agric. Est. São Paulo, pag. .

- 16- Depoimento de Jayme Cuberos, secretário do "Centro de Cultura Social", gravado pelo pesquisador em 1988.
- 17- Depoimento de Luis M. Vicente, gravado pelo pesquisador em 1989.

III- A VIDA NO INTERIOR DA COMUNIDADE ESPANHOLA

Nosso trabalho, no sentido de resgatar a história da colônia espanhola em São Paulo, se desenvolveu, principalmente, na "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos, Instrução e Recreio", no bairro do Ipiranga. Esta sociedade é hoje a única que resta da colônia espanhola na capital paulista. Neste trabalho de análise de documentos, livros de atas, jornais etc., encontramos, porém, documentos e referências a outras associações da colônia espanhola que existiram em São Paulo, capital e interior, desde final do século passado. As associações existentes na capital, nos anos 70 fusionaram-se todas na "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos". A maioria das existentes no interior, desapareceu. Trataremos a seguir da "Sociedade Española de Socorros Mútuos".

III.1- A Sociedade Española de Socorros Mútuos

No dia 13 de março de 1898 reuniu-se à Rua Martin Buchard nº 12, no bairro de Bráz, uma comissão para constituir uma sociedade espanhola de socorros mútuos. Para tanto, seus membros, haviam subscrito uma circular distribuída a todos os espanhóis da capital, explicando qual seria o propósito de constituir-se tal sociedade. Ela teria como objetivo o auxílio aos associados em caso de morte e doença e a instrução primária das crianças espanholas que necessitassem. Fica claro que estas preocupações eram o reflexo das péssimas condições socio-econômicas das classes trabalhadoras que não tinham a garantia do Estado para atender estas necessidades. Percebe-se pela leitura das atas das assembléias que esta sociedade foi idealizada e era composta por trabalhadores, alguns com preocupações políticas e sociais, outros com preocupações apenas assistencialistas, tendo porém como ponto de convergência a sua situação de imigrantes e de espanhóis. Nos primeiros anos do século XX a "Sociedade Española de Socorros Mútuos" atravessou uma difícil situação financeira, em virtude dos gastos ocasionados com o enorme número de doenças, especialmente entre as esposas e filhos dos associados. Devido à situação precária de moradia e às péssimas condições sanitárias dos bairros operários, as epidemias eram constantes, somando-se a isto os

problemas psicológicos decorrentes da adaptação a uma cultura diferente da sua. Outro problema constante era o dos que não se adaptavam e desejavam retornar à Espanha, o que levou esta sociedade a criar uma caixa para garantir a repatriação dos associados que necessitassem. A questão da repatriação dentro da colônia espanhola chama a atenção pela excessiva preocupação que este tema despertava nestes imigrantes. Além da caixa de repatriação desta sociedade, tivemos conhecimento de uma "Sociedade de Repatriação da Lapa", da qual não conseguimos obter outras informações, e da "Sociedade Espanhola de Repatriação de Santos", da qual estudamos alguns livros de memórias e sobre a qual discorreremos em outro capítulo. O que nos chama a atenção nestas sociedades é o fato de estes imigrantes se associarem com o único objetivo de serem repatriados, o que, desde o início desta pesquisa já nos levava a suspeitar de que isto ocorria devido à falta de confiança que os espanhóis tinham em seus representantes oficiais para resolver seus problemas básicos.

Nos anos de 1903/1904, consta nas atas desta sociedade que os imigrantes passavam por dificuldades financeiras devido à crise econômica que estava gerando muito desemprego e que impossibilitava aos associados de pagarem as mensalidades, o que nos leva a concluir que era uma sociedade composta, em sua maioria, por trabalhadores, uma sociedade que se organizou para resolver seus problemas de sobrevivência em torno do elemento que os identificava como grupo, ou seja, a nacionalidade.

Algumas pessoas que pertenciam à "Sociedade Española de Socorros Mútuos" estavam ligadas a outras associações da colônia, à imprensa dirigida especificamente aos espanhóis e à classe operária e se destacaram nos movimentos operários do início do século.

É o caso de Eiras García, Antonio Dias e Manuel Rodriguez, que eram jornalistas assim como Everardo Dias, que foi secretário desta sociedade e que é conhecido por sua atuação no movimento operário. Everardo Dias, como vimos, foi deportado pelo governo brasileiro em 1920, tendo posteriormente voltado ao Brasil, fato que gerou conflitos entre os membros da diretoria da sociedade. Temas como deportação, envolvimento político ou processos por parte das autoridades brasileiras, mesmo que fossem injustos, sempre causavam divisões dentro das diretorias, pelo fato de nelas se encontrarem pessoas com objetivos diferentes. Por exemplo, o 1º Vice-Presidente

e um dos fundadores da sociedade, Jose Eiras Garcia defendeu através de seu jornal "La Voz de España", vários espanhóis do interior. Por este motivo foi desencadeado um ataque por parte da imprensa brasileira contra o referido jornal e, segundo palavras do sócio Valentin Diego, ofendia-se não somente o jornal de Eiras Garcia, como também a Espanha. Não se pode esquecer que parte da imprensa paulista era porta-voz da aristocracia cafeeira. Assim, se o jornalista havia defendido espanhóis do interior de São Paulo, a imprensa dos fazendeiros, ofendida, processara o jornalista que se encontrava preso. O "Centro Galego", do qual falaremos mais detalhadamente em outro capítulo, promoveu um festival em favor do jornalista e enviou à diretoria da sociedade um ofício pedindo que colaborassem comprando alguns convites. Neste momento, entretanto, percebe-se que membros da diretoria, assim como associados, estavam divididos por questões de ordem político-ideológica.

Deve ser ressaltado, porém, que a figura de Eiras Garcia, assim como seu jornal "La Voz de España", era bastante polêmica e incomodava tanto à imprensa paulista como às autoridades consulares espanholas. Sobre as possibilidades que os colonos espanhóis tinham para denunciar maus tratos por parte dos fazendeiros, Elda E. Gonzalez descreve a ausência de representações consulares nas cidades do interior e como esse papel era desempenhado por outros imigrantes com melhores condições que os reclamantes : "... Cuando són particulares quienes intermedian las reclamaciones, se trata generalmente de pequeños comerciantes establecidos en las ciudades del interior. Otra posibilidad del reclamante era acudir al director del único periódico en español desde principios del siglo, La Voz de España, sr Eiras Garcia. La Voz, atacada tanto por los representantes consulares como por las autoridades del Estado, cargava sus tintas por la situación a la que se veían sometidos sus paisanos y la escasa o nula protección que les brindaba el consulado. En 1917, el periódico desató una campaña desacreditando a los representantes españoles por el desamparo de la colonia en San Pablo ...".⁴⁾ Por conta desta campanha as autoridades consulares trataram de desacreditar a figura de Eiras Garcia : "... Un informe confidencial del consulado de San pablo describe a Eiras Garcia, director de La Voz de España, como un sujeto que se aprovecha de sus compatriotas ante quienes se presenta como defensor de eus intereses aunque, sin embargo recibe una subvención

del gobierno estadual a cambio de realizar propaganda para atraer inmigrantes ..." (2). Mesmo que seja correta esta informação, que sem dúvida é tendenciosa por ser um informe do consulado de São Paulo que se viu atacado por Eiras Garcia, temos que ressaltar a intensa participação deste nos organismos criados para dar amparo e proteção aos imigrantes espanhóis, como a "Sociedade de Socorros Mútuos" e a "Liga Española de Defensa Mútua". Porém o que fica evidenciado é que este tinha uma postura político-ideológica bem definida e isto, naturalmente, dividia as opiniões dos membros da "Sociedade Española de Socorros Mútuos". Neste episódio, o apoio a Eiras Garcia, havia alguns diretores que defendiam a idéia de a sociedade manifestar-se contra injustiças e perseguições a todos os espanhóis e outros que não queriam comprometer-se e para isso se utilizavam de um artigo do regulamento da sociedade que era favorável à neutralidade política. Veremos em outra ocasião como esse regulamento serviu a posições ideológicas diferentes. Porém, em relação a outras questões, isso não ocorria, pois são constantes as comunicações de sócios que necessitavam de ajuda por doenças, desemprego e casos de auxílio funerário. As várias comunicações desta com outras sociedades da colônia do interior de São Paulo e até de outros estados, provam que a coletividade, em questões humanitárias e culturais, estava bem unida, o que talvez tenha contribuído para que esta sociedade tenha sobrevivido até os dias de hoje.

Em questões de assistência médica e pecuniária a "Sociedade Española de Socorros Mútuos" cumpriu seu papel não só com os associados como também, em momentos de calamidade pública, com todos os que necessitassem.

Também os acontecimentos na Espanha geravam conflitos e envolviam os espanhóis. Em 1909, Juan Gutierrez propõe que o produto líquido de uma festa que ia se realizar fosse destinado, integralmente, para os filhos dos reservistas mortos em Melilla e para os filhos dos perseguidos e presos em Barcelona no episódio da "Semana Trágica de Barcelona". Gutierrez defende a sua idéia : "...Los españoles deben hacer por estes desamparados (...) sociedades nuevas con poco tiempo tomaron iniciativas para socorrer a nuestros hermanos ...". (3) Outro sócio, Antonio Acuña, defendia a idéia de mandar-se o dinheiro somente para os perseguidos pelos poderes públicos. Não houve concordância sobre este tema, pois

alguns sócios consideravam este assunto político. Depois de muita discussão, a assembléia aprovou a proposta do sr. Gutierrez, porém esta decisão provocou a demissão de alguns membros da diretoria. Nesta mesma assembléia, foi aprovado um voto de protesto contra a violência policial contra os operários de Barcelona e contra o fuzilamento do libertário e educador Francisco Ferrer, criador das "escuelas libres".

As acaloradas discussões causadas por acontecimentos como este mostram que na "Sociedade Española de Socorros Mútuos", estavam pessoas politizadas com propósitos bem definidos de resistência e atuação para transformar uma realidade que era muito dura. Isto nos leva a pensar que esta sociedade mutualista tinha, através de alguns de seus membros, uma posição política contestadora conforme a estratégia de atuação de alguns destes membros comprova.

Fosse por uma postura frente ao problema emigratório, fosse por problemas econômicos graves, o Estado Espanhol esteve bastante alheio à situação dos espanhóis emigrados a São Paulo. O desconhecimento por parte do governo espanhol da realidade do emigrante pode explicar o fato de que esta sociedade tenha recebido carta do presidente do Conselho Superior de Emigração pedindo informações sobre o modo de fundar instituições para proteger os emigrantes espanhóis.

A década de 1910 foi a que mais emigrantes espanhóis recebeu São Paulo, aumento este que se reflete na fundação de novas sociedades. Em 1909 surge a "Beneficencia Española" que tinha como objetivo a assistência médica. Em 1919 fusiona-se com a Socorros Mútuos, sendo a primeira fusão de sociedades espanholas.

Nó que diz respeito à vida cultural, o que se pode constatar é que os espanhóis preservavam aqui seus costumes e tradições. No início do século, há prestação de contas em uma reunião de diretoria de uma corrida de touros que foi realizada na Praça da República para arrecadar fundos para a "Socorros Mútuos". As "romerias", festas no campo onde sempre se homenageia um santo, também foram organizadas em São Paulo nos moldes das que eram feitas na Espanha. Encontramos um folheto de 1921, convidando para uma "Romeria Española" no Parque São Jorge. Até uma determinada época, nota-se a influência do imigrante espanhol nos hábitos da cidade. No Código de Posturas do Município de São Paulo no princípio do século, por exemplo, há algumas normas e proibições

que estão relacionadas com hábitos dos imigrantes espanhóis. "... Vasos de flores não podiam ser deixados às janelas ... e nas touradas deviam tomar-se precauções contra acidentes." (4)

No que diz respeito aos acontecimentos brasileiros a diretoria desta sociedade (e de outras) tentava participar de maneira neutra sem nenhuma conotação política, atitude compreensível devido às restrições legais que existiam em relação ao elemento estrangeiro. No episódio da revolução constitucionalista, por exemplo, a colônia espanhola organizou um comitê de ajuda que contou com a participação de várias entidades espanholas : Câmara Oficial Espanhola de Comércio em São Paulo, Grupo Dramático Cervantes, Centro Republicano Espanhol, Federación Española, Grupo Dramático Isaac Peral e Gremio Dramático Hispano-Americano. Promoviam campanhas de arrecadação de dinheiro e alimentos, festivais de teatro e festas com esse propósito, porém entregavam todos os recursos arrecadados à Cruz Vermelha que os destinava a quem necessitasse. Não foi possível localizar os livros de atas de assembleias gerais do período que compreende a guerra civil espanhola. Também não obtivemos nenhuma informação segura sobre o destino que foi dado a esse material, porém, o fato de as assembleias gerais terem sido sempre muito dinâmicas, com discussões acaloradas sobre temas políticos relacionados com a Espanha nos leva a suspeitar que estes livros tenham sido destruídos para evitar qualquer tipo de comprometimento depois do desfecho da guerra civil. Foi possível, porém, encontrar livros de atas de reuniões de diretoria que compreendem parte dessa época. Entretanto as reuniões de diretoria eram sempre mais serenas e dão poucas pistas sobre a forma que se pautava a sociedade durante o conflito. Uma coisa, porém, é clara : a "Sociedade Española" vai mudando sua atuação, deixando de ter uma prática assembleista e, a partir de 1937, o regulamento interno é mudado e as diretorias só são eleitas a cada dois anos. Coincidindo com as mudanças na Espanha, o "Estado Novo" intensifica a repressão a líderes trabalhistas estrangeiros e como resultado da campanha xenófoba que via as agitações trabalhistas como resultado de influências de elementos estrangeiros a soldo de potências estrangeiras, muitos trabalhadores espanhóis foram deportados e entregues às forças franquistas que os fuzilavam como comunistas.

Estes fatos estão registrados nos documentos da "Sociedade

Española de Socorros Mútuos", de maneira bastante polêmica. Por exemplo, em junho de 1937, um diretor, Manuel Prado expõe em reunião de diretoria que haviam sido deportados vários compatriotas e solicita que a Sociedade preste ajuda às famílias desses espanhóis. O simples fato de pedir ajuda aos familiares dos deportados causou divergências a ponto de um diretor Dr. Vidal Reis se demitir com as seguintes palavras : "... Siendo nuestra sociedad apolítica estaba siendo un centro de doctrinarismo político..."⁵ No mesmo mês de junho de 1937 chegou um ofício da Embaixada da Espanha no Rio de Janeiro dando o seguinte informe : "para que no haya dudas en el porvenir que a los españoles expulsos del país fué conseguido por la embajada de España para que dichos individuos fuesen mandados a Francia y no a un puerto en poder de los rebeldes..."⁶ Os rebeldes eram as tropas franquistas que já tinham em seu poder grande parte do território espanhol e o embaixador era, ainda, representante da Espanha Republicana, que na sua curta existência demonstrou pelos emigrantes espanhóis um comportamento bastante diferente do que existia antes da República e posteriormente durante a ditadura franquista.

Em 1937 foi criado aqui em São Paulo um comitê de propaganda republicana, na tentativa de ajudar a salvar a agonizante República Espanhola. Foram nomeados representantes de todas as sociedades da colônia espanhola. Pela "Sociedade de Socorros Mútuos" foi nomeado um dos diretores, sr. Mendes Hijo. Passado um mês da nomeação, este senhor comunica à diretoria sua intenção de demitir-se do cargo de representante de tal comitê, pois, até aquela data não havia sido convidado a participar de nenhuma reunião. Se realmente este comitê não convidou ao sr. Mendes Hijo, deveria ter algum tipo de suspeita, fundamentada ou não, para não fazê-lo, pois em novembro do mesmo ano chega à sociedade uma circular do "Comité Central de España Republicana", solicitando ajuda para os órfãos dos republicanos espanhóis. Um associado protesta veementemente contra qualquer tipo de auxílio, participação, bem como qualquer relação com o comitê. O sr. Mendes Hijo, que havia sido representante da Socorros Mútuos no comitê republicano coloca-se de acordo com tal pronunciamento dizendo que esta sociedade só deveria colaborar com a Cruz Vermelha, pedindo à diretoria que devolvesse os bonus recebidos e que se respondesse a tal comitê que esta sociedade não queria manter nenhum tipo de relação com um comitê que para esta

sociedade era inconveniente. Fatos como este, se explicam por estar já bastante dividida a colônia espanhola na questão da Guerra Civil. Os republicanos eram sempre identificados como de ideologia esquerdista (comunistas, socialistas e anarquistas). Os que discordavam desta ideologia tenderam a ver em Franco o salvador da Espanha das ideologias de esquerda, mesmo não sendo monarquistas. Além do mais o desfecho da guerra civil já era mais ou menos previsível pela extensão territorial que estava já em mãos dos nacionalistas. Assim sendo, algumas pessoas mais pragmáticas não queriam se comprometer para evitar problemas futuros.

III.2- A nacionalização da "Sociedade Española de Socorros Mútuos"

Em abril de 1938 o presidente Getulio Vargas assina um decreto-lei que vai afetar a todas as sociedades estrangeiras no Brasil. O primeiro reflexo deste decreto é a demissão de alguns associados, filhos de espanhóis nascidos no Brasil, pois este decreto proibia que brasileiros fizessem parte de sociedades estrangeiras.

Em 1939, é aprovado novo regulamento que em seu artigo 16 diz que o nome da sociedade, estatutos, atas, recibos e demais documentos referentes à sua administração serão redigidos em português, exigência das leis brasileiras. Em 15 de outubro de 1940 foi realizada uma sessão para adaptar-se a sociedade às leis brasileiras.

Em assembléia realizada em 26 de janeiro de 1941, o sr. Jose Gutierrez entrega à diretoria uma carta assinada por um grupo de associados, pedindo que a diretoria explique a visita do cônsul espanhol à sociedade, faz severas críticas à mesma acusando-a de estar fazendo "política rastrera", numa alusão a estar essa diretoria mantendo relações com autoridades do governo da ditadura franquista. Houve muita discussão em torno deste fato, ficando claro das leituras desta ata que a diretoria realmente mantinha relações com as autoridades consulares franquistas, porém, que o fazia sem a concordância de todos os associados.

A "Sociedade Española de Socorros Mútuos", vai mudando, seja pela situação política brasileira que inibiu o associativismo estrangeiro, seja pela divisão forte dentro da colônia causada pela guerra civil espanhola ou, o que é mais provável, pela soma dos

dois fatores. A verdade é que já não se detecta as atividades do princípio da sua constituição, quando os assuntos eram discutidos por todos os associados em assembleias e percebia-se uma constante luta entre posturas diferentes para encaminhar as questões que interessavam à colônia espanhola. Em setembro de 1944 é demitida toda a diretoria composta por espanhóis e nomeada uma junta diretiva composta totalmente por brasileiros, para atender o decreto do Governo Federal. A "Sociedade Española de Socorros Mútuos" encontra-se muito dividida quanto às relações com os representantes do governo franquista e as diretorias se não assumem uma postura franquista, tomam certas atitudes de aproximação a essas autoridades. Percebe-se, então, que um outro centro da colônia, o "Centro Galego", que posteriormente será chamado "Centro Democrático Espanhol", define claramente sua posição anti-franquista. Estas duas posturas serão reforçadas, como veremos em outro capítulo, com a chegada de novos imigrantes, saídos da Espanha depois da Guerra Civil. Em setembro de 1942, em assembleia realizada para enquadrar totalmente a sociedade às leis brasileiras, seu nome é mudado para "Sociedade Brasileira de Socorros Mútuos".

Os acontecimentos na Espanha (1936/39) dividiram irremediavelmente os espanhóis em São Paulo assim como os dividiu na Espanha. Por outro lado a repressão do governo brasileiro às sociedades estrangeiras no Brasil, intensificadas a partir da 2ª Guerra Mundial, parece ter sido o golpe de misericórdia para apagar nos associados o ímpeto que se notava no início do funcionamento da "Sociedade Española de Socorros Mútuos". Percebe-se que não há mais presença às assembleias pois não existem mais assuntos a discutir, tudo já parece estar resolvido de antemão. Além disto os espanhóis se sentiam enfraquecidos e estranhos dentro de uma sociedade que havia sido criada por seus antepassados. Na assembleia de 5 de novembro de 1947, estavam discutindo as festividades para a comemoração dos 50 anos da fundação da sociedade, quando um sócio, Luis Diego faz um discurso dizendo não ver nenhuma razão para comemorações, pois a sociedade fundada há 50 anos era uma sociedade espanhola e, então, nem mesmo o nome original ostentava, e insiste em que se faça algo para recuperar, ao menos, o antigo nome. Os próprios diretores queixam-se da apatia reinante entre os associados. Além do mais, os objetivos primeiros da sociedade, ou

seja, o socorro médico já não era tão premente, visto que o Estado Brasileiro já vinha desenvolvendo uma política social que tendia, em linhas gerais, a atender os objetivos da sociedade de 'socorros mútuos. Propõe-se então, como uma forma de facilitar a convivência dos associados que se ampliem os quadros de atividades sociais no sentido cultural e recreativo.

III.3- O Hospital Espanhol - Um sonho não realizado

Desde os primeiros tempos de existência da "Sociedade Española de Socorros Mútuos", toda a colônia espanhola era chamada a participar de campanhas para se arrecadar fundos para a construção do Hospital Espanhol e desde os primeiros tempos ela atendeu a este pedido. Muitas foram as associações de São Paulo, capital e outras cidades do estado e até de outros estados que participaram desta campanha. Em março de 1940, é realizada uma assembléia para tratar da compra do terreno para construir o Hospital Espanhol. Este terreno estava situado à Av. D. Pedro I, com fundos para a rua Ouvidor Portugal, com uma área de 6220 metros quadrados e custou duzentos e cinquenta contos de réis. Existem demonstrativos contábeis de fundos desde o início da campanha chamada "Conta Pró-Hospital", dos quais constam mensalidades, listas, donativos, festivais etc. Toda a colônia espanhola participou ativamente, sendo possível encontrar nomes de pessoas e de associações que colaboraram : Federación Española, Centro Republicano Espanhol, Centro Galego, Centro Protetor e Beneficente de Jaú, Hogar Espanhol, entre outros. Isto demonstra que havia união entre os membros da colônia espanhola quando se tratava de alguns temas específicos. Porém o velho sonho da colônia espanhola não chegou a se concretizar e o edifício que deveria ser o Hospital Espanhol hoje é a sede da "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos, Instrução e Recreio", antiga "Sociedade Española de Socorros Mútuos". Os motivos para que esse antigo sonho não se realizasse não são muito claros. Porém, podem estar relacionados com as questões da nacionalização da sociedade, da troca de diretorias espanholas por diretorias brasileiras, das divisões provocadas pela Guerra Civil e das dificuldades que encontraram as associações de estrangeiros para atuar durante o governo de Getulio Vargas.

É claro, porém, que houve uma intensa participação de toda a

coletividade espanhola do estado de São Paulo para tentar realizar esse sonho.

NOTAS

- 1- Elda E.G.Martínez; "Café y Inmigración : Los Españoles en São Paulo 1880 - 1930" ; CEDAL - Madrid, 1990, pag.156.
- 2- Op. Cit., pag 157.
- 3- Livro de Atas de reuniões de diretoria da "Sociedade Española de Socorros Mútuos" de 1909.
- 4- R. Morse; "Formação Histórica de São Paulo"; DIFEL, SP, pag.252.
- 5- Livro de Atas de reuniões de diretoria da "Sociedade Española de Socorros Mútuos" de 1937.
- 6- Ibden.



IV- AS SOCIEDADES DE AJUDA MÚTUA DO INTERIOR DE SÃO PAULO

Os imigrantes espanhóis que chegaram desde o final do século XIX até as três primeiras décadas deste século dirigiram-se principalmente para a zona rural, como conclui em seu trabalho Elda E. Gonzalez Martinez : "Fué el establecimiento de subsidios para el transporte desde Europa hasta Santos, desde 1885 hasta 1928, el desarrollo de una extensa red de reclutadores y el despliegue de una campaña propagandística que se basaba en garantizar trabajo y sustento para todo el grupo familiar, lo que hizo que campesinos españoles marcharam a San Pablo ..." (...) "... será el desarrollo de los cultivos de café, y la conquista del oeste de estado que lo convertirá en el principal exportador del mundo. Será también en consecuencia, la necesidad de brazos para el café, lo que - una vez abolida la esclavitud - consolide todo un proyecto de política inmigratoria ..." (...) "... El contingente español, por tanto, se destinará en forma masiva al trabajo agrícola en las plantaciones de café." (4)

A presença dos imigrantes espanhóis no interior de São Paulo e suas associações mutualistas foi constatada através da pesquisa que realizamos na "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos" de São Paulo, ocasião em que consultamos todos os seus livros de atas de assembleias gerais e de reuniões de diretoria, desde sua fundação em 1898 até 1975. Estes livros de atas mostram que não apenas eram numerosas estas agremiações como constantes as comunicações entre as várias sociedades de espanhóis existentes no interior de São Paulo, em outros estados brasileiros e até em outros países da América. Assim, ficamos sabendo da existência de sociedades de socorros mútuos nas seguintes cidades, paulistas na sua quase totalidade : Sociedade de Socorros Mútuos de Campinas (1906), Sociedade de Socorros Mútuos de Ribeirão Preto (1907), Sociedade de Socorros Mútuos de Monte Azul (1906), Sociedade de Socorros Mútuos de Uberaba (1908), Sociedade Protetora Beneficente de Jaú (1909, 1923, 1924), Sociedade de Socorros Mútuos de São Carlos do Pinhal (1909), Centro Español de Beneficencia de Itatiba (1909), Federación Española sección de Catanduva (1919), Sociedade de Socorros Mútuos de Olímpia (1923), Comisión Española Presidente Alves (1932), Comisión Española Guarantán (1932), Comisión Española Cafelândia (1932), Comisión Española Duartina (1932), Comisión

Española Itú (1932), Comisión Española Rio Claro (1932) e Comisión Española Araçatuba (1932). As datas entre parenteses são as datas em que aparecem as comunicações nas atas da Sociedade Hispano-Brasileira.

Percebe-se, através deste levantamento, que os espanhóis que foram para as zonas cafeeiras tiveram a preocupação de agrupar-se em sociedades de socorros mútuos e de ajuda, ou até mesmo de defesa contra os maus tratos que eram muito comuns por parte dos fazendeiros, e que estas sociedades mantinham relações de amizade entre si e com a sociedade instalada pelos espanhóis na cidade de São Paulo. Em geral as comunicações entre elas eram feitas no sentido de informar às sociedades irmãs, a posse de novas diretorias ou algum festival beneficente, convidando-as para os mesmos. Mas foi possível, também, encontrar algumas denúncias de maus tratos contra imigrantes em fazendas, circunstância em que era solicitada a intervenção ou apoio da sociedade de São Paulo.

Os imigrantes que foram sendo inseridos na vida brasileira para substituir a mão de obra escrava não encontravam, por parte do estado brasileiro, amparo no que diz respeito à assistência médica ou previdência social. A despeito das manifestações de caráter mutualista ou sob a forma de montepios, a primeira lei brasileira que trata da previdência social data de 23 de janeiro de 1923, a chamada "Lei Eloi Chaves". Neste contexto, o imigrante europeu, que já trazia uma tradição de mutualismo, translada para o Brasil esta tradição, tentando assim, suprir as deficiências da organização do Estado Brasileiro.

As sociedades mutualistas existiam na Europa já no século XVIII, originárias da solidariedade familiar ou profissional e do sentimento cristão e humanitário. Essa tradição explica o aparecimento de tantas sociedades de socorros mútuos no Brasil quando começam a chegar grandes quantidades de imigrantes. Estas sociedades eram, geralmente, independentes em relação ao Estado e à Igreja, o que talvez possa explicar um regulamento comum a quase todas elas : Não discutir questões políticas, religiosas ou econômicas.

Ao pesquisar a documentação da "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos" encontramos documentos e livros de atas de outras sociedades espanholas que existiram em São Paulo, capital, e informações sobre as que existiram no interior. Entretanto, no meio

deste material, encontramos um livro de atas de uma sociedade que foi fundada aqui na capital, com outro objetivo, o de defender os espanhóis que estavam no interior.¹

A "Liga Española de Defensa Mútua", foi fundada em 4 de janeiro de 1903 e durou apenas um ano e meio. Sua existência foi sempre muito agitada, suas atas fazendo sempre referência à falta de segurança, razão pela qual trocavam o local das reuniões e guardavam os documentos em locais diferentes. Mesmo com sua curta existência, esta liga registra a presença de delegados em várias cidades do interior de São Paulo. É bastante nebulosa, pelo pouco material que encontramos, a verdadeira finalidade desta Liga. As pessoas nela encontradas, tanto seus fundadores, como diretores e pessoas que dela participaram mesmo sem nenhum cargo, são conhecidas pela sua atuação nos movimentos operários de São Paulo e com ativa participação política. Por exemplo, José Eiras Garcia, um dos fundadores da S.H.B., jornalista que sofreu um processo da imprensa brasileira por ter defendido vários espanhóis do interior em seu jornal "La Voz de España"²; Antonio Dias e Manuel Rodrigues, jornalistas da "Tribuna Española"; Everardo Dias, secretário da S.H.B. conhecido por sua atuação no movimento operário; Valentin Diego, jornalista atuante no movimento operário de São Paulo. Porém, o que é absolutamente claro é o objetivo de defender os espanhóis que, distantes da capital de São Paulo, dedicados ao penoso trabalho da agricultura: "...tienen aqui quien defenda los derechos de este penoso trabajo ...".² Assim, na reunião de 5 de julho de 1903, realizada à Rua Florêncio de Abreu 29, falam em contratar um famoso advogado, que já era conhecido de outras sociedades pela defesa de "causas difíceis", e sem citar o nome do advogado concluem "...y por justa razón amante de la colonia española...".³

¹ Deduzimos que este livro de atas veio parar na "Sociedade Hispano-Brasileira" por serem os fundadores da "Liga Espanola de Defensa Mútua" praticamente, os mesmos que fundaram a S. H. B.

² Eiras Garcia utilizava frequentemente seu jornal "La Voz de Espana" para denunciar contendas entre imigrantes espanhóis e fazendeiros, como apontou Martins em "A Imigração Espanhola para o Brasil e a Formação da Força de Trabalho na Economia Cafeeira" e Gonzales em "Café e Inmigración - Los espanoles en São Paulo".

Da mesma forma que os espanhóis se reuniram, em associações mutualistas pela omissão do Estado brasileiro em resolver seus problemas de assistência social, acreditamos que esta Liga tenha sido organizada por membros da colônia que tinham um grau de escolaridade superior à grande massa dos espanhóis que vieram para as fazendas de café, em sua maioria analfabetos, por não terem estes encontrado junto às autoridades consulares espanholas o apoio necessário para denunciar os maus tratos, como demonstrou o trabalho de Gonzalez: " ...En verdad, fué escasa la participación de las autoridades españolas en prol de la protección de sus compatriotas ...".(4)

Esta escassa participação das autoridades espanholas poderia ser explicada tanto pela falta de representação consular nas cidades do interior paulista, como pela ausência de relações entre imigrantes e consulado. A maioria destes imigrantes não se registrava no consulado espanhol. O fato destes imigrantes não se registrarem, porém, também pode ter duas explicações : ou seu baixo nível de instrução não lhes dava consciência da importância de relacionar-se com seus representantes consulares ou a animosidade por parte do Estado Espanhol em relação aos imigrantes, nas pessoas desses representantes, os impediam de procurá-las. " Un informe del consul español en San Pablo, del año 1917, nos permite acercarnos a la opinión que tenían las autoridades españolas sobre el funcionamiento y características de la representación consular. En primer término se manifestaba que los servicios que brindaban tenían una modalidad que los diferenciava del resto de los consulados establecidos en América, porque el elevado número de españoles radicados en el Estado y residentes en una area de 290.876 kilómetros cuadrados eran, en un 80% analfabetos." (...) "... su ignorancia les hace, al hallarse en tierra extraña, caer en el más amargo desamparo, y, a veces, en ominosa servidumbre, incapaces de defenderse a si mismos de las mil acechanzas, sugerencias y abusos de que les hacen víctimas los despiertos que, obteniendo grandes provechos del rudo y aniquilante trabajo de estos párias, explotan arteramente su miséria y su indefensión ...".(5)

O que podemos constatar, também, é que nem todos os espanhóis que foram para as fazendas de café lá permaneceram, fato comum a imigrantes de outras nacionalidades, por não se habituarem à

difícil vida nas fazendas e ao tratamento dos fazendeiros que viam o imigrante quase como um escravo. A falta de perspectiva de melhoria de vida como colonos fazia com que grande parte dos imigrantes saísse das fazendas tão logo terminasse o contrato com o fazendeiro. Muitos nem mesmo esperavam o fim dos contratos e acabavam saindo fugidos. Para ilustrar esta prática transcrevemos a seguir um trecho de entrevista feita na "Sociedade Beneficente Rosália de Castro", que dá assistência a espanhóis necessitados em São Paulo : Dona Isabel (76 anos) e sua irmã Encarnación (72 anos) chegaram ao porto de Santos em 3 de janeiro de 1926 em companhia dos pais e 3 irmãos. Conforme seu relato, haviam sido contatados em Ceuta por agenciadores brasileiros que arrumaram todos os papeis para a viagem prometendo muitas coisas para os imigrantes. Foram levados diretamente do porto de Santos para a Hospedaria dos Imigrantes e daí para uma fazenda de Mocóca. " ...Meu pai era um homem forte, que tinha muita saúde, logo adoeceu pois trabalhava muito. Depois de um ano na fazenda pegou uma pneumonia e morreu, pois no mato não havia médico, morreu com 47 anos. Nas fazendas as pessoas se tornavam escravos, se trabalhava muito e não se via dinheiro, só vales para comprar na venda que era do fazendeiro. Minha mãe ficou só com os filhos menores, pois o maior já havia saído da fazenda antes e vindo para São Paulo para trabalhar numa fábrica de tecidos no Bráz. Minha mãe ficou tão desesperada que uma noite disse ao capataz : amanhã vou embora com meus filhos para São Paulo, se o senhor quer me matar é um favor que me faz. Sim, por que ali os que saiam, mandavam os capangas matá-los, matavam e ficava por isso mesmo. Minha mãe tinha em casa algumas galinhas, um porco, arroz e feijão, entregou tudo a uma família italiana que vivia na fazenda pelo dinheiro suficiente para pagar as passagens de trem". Saíram pela madrugada com a ajuda dessa mesma família italiana até a estação de trem. « Fatos como este são abundantes na história das imigrações em São Paulo e comuns a todas as nacionalidades, pois, não resta dúvida que a ação dos agenciadores não era das mais louváveis no que diz respeito a orientar os imigrantes sobre as reais condições das fazendas.

Os imigrantes desembarcavam no porto de Santos e eram embarcados em trens que os levavam até a Hospedaria dos Imigrantes. Desembarcavam praticamente dentro da Hospedaria, sem ter o menor contato com a cidade. Os imigrantes eram contratados aí mesmo e

levados diretamente às fazendas, impedindo-se que elas tomassem contato com qualquer pessoa que não fosse o fazendeiro ou seu preposto, isto é, o que contratava os seus serviços para as fazendas. Percebe-se, assim, que estas pessoas iam para as fazendas sem saber a realidade que os esperava. Quando a enfrentavam e viam a dificuldade de melhoria de vida, a alternativa que tinham era sair das fazendas. Estas pessoas saíam das fazendas e se dirigiam aos centros urbanos, às vezes no próprio interior de São Paulo. Porém, uma grande parte dirigia-se para a capital, fato que se explica pelas transformações que estavam ocorrendo na mesma e que por isto passava a oferecer maiores possibilidades de trabalho. Para que se tenha idéia das transformações pelas quais passava a cidade de São Paulo em princípios deste século, damos abaixo um quadro relativo ao crescimento do parque industrial paulista nos seus primeiros 30 anos .

TABELA V (7)

Ano	n° de empresas	n° de operários
1907	326	24.186
1920	4.145	56.517
1929	6.923	143.376

Outro dado importante, neste particular, foi o crescente desenvolvimento das companhias ferroviárias que, além de intensificarem o comércio interno e facilitarem o transporte de produtos de exportação, serviram também como elemento de urbanização, pois, foi ao longo das ferrovias que foram surgindo os bairros populares e operários que foram preenchendo os vazios existentes entre o centro urbano e os núcleos industriais.

NOTAS

- 1- Elda E. G. Martinez; "Café y Inmigración : Los Españoles en São Paulo 1880 - 1930" ; CEDAL - Madrid, 1990, pag. 229.
- 2- Livro de atas de reuniões de diretoria e assembleias gerais da "Liga Española de Defensa Mútua", janeiro de 1903.
- 3- Ibden.
- 4- Elda E. G. Martinez; Op. Cit., pag 154.
- 5- Ibden, pag. 155.
- 6- Depoimento gravado pelo pesquisador na "Sociedade Beneficente Rosalia de Castro", São Paulo, 1988.
- 7- P. S. Pinheiro; "O Proletariado Industrial na 1ª República" in "O Brasil Republicano, II"; DIFEL, São Paulo, pag 141.

V- AS SOCIEDADES REGIONAIS ESPANHOLAS

Como já foi exposto anteriormente, só nos foi possível encontrar registros de outras sociedades espanholas pela intensa comunicação que havia entre elas e a "Sociedade de Socorros Mútuos" e pelo fato de a quase totalidade das que foram sendo criadas a partir dos anos 50 terem se fundido com a Socorros Mútuos nos anos 70. Quando da fundação da Socorros Mútuos já existiam centros que aglutinavam espanhóis em São Paulo. As relações que manteve a Socorros Mútuos com os demais centros nos dão informações de sua existência, porém, não nos dão, necessariamente, dados a respeito do seu surgimento ou desaparecimento. A análise destes registros permite-nos inferir que, enquanto alguns já estavam formados, em 1898, inclusive instalados em dependências próprias, outros foram sendo criados no transcorrer da chegada de novos imigrantes.

Alguns desses centros tiveram contatos frequentes com a "Sociedade Española de Socorros Mútuos", outros, apenas uma ou outra vez, outros, ainda, somente uma vez. Deve-se ressaltar, também, que pelo fato de todas as atas serem redigidas em espanhol pode ocorrer que alguns centros não necessariamente espanhóis tenham sido confundidos como tais, já que se traduziam nessas atas inclusive seus nomes. Para efeito de organização, decidimos descrever tais centros em ordem cronológica conforme foram aparecendo nas atas analisadas.

O CENTRO GALEGO

Fundado em 1903, relacionou-se com a "Sociedade Española de Socorros Mútuos" até o ano de 1909 quando, provavelmente, desapareceu para ressurgir em 1932 permanecendo, desde então, ativo até ser transformado em "Centro Democrático Espanhol". Não é possível afirmar se o "Centro Galego" que aparece em documentos de 1903 é o mesmo que reaparece em 1932. O primeiro Centro Galego de que se tem notícia, tinha um grupo de teatro e em 1907 deu um espetáculo em benefício do jornalista e 1º vice-presidente da "Sociedade de Socorros Mútuos", Jose Eiras Garcia que estava preso por "injúrias a um fazendeiro", por defender compatriotas em seu jornal "La Voz de España", como já descrevemos anteriormente.

Em novembro de 1932, na revista "Intercambio Hispano-Brasileño", órgão da Câmara de Comércio Espanhola aparece a

seguinte notícia : "... Segun hemos sido informados se han realizado diversas reuniones por los elementos de más destaque de la colonia gallega de São Paulo con el fin de crear un Centro Gallego en esta capital. Parece ser que ya fué nombrada una junta directiva provisoria y una comisión para redactar los estatutos y contratar instalación para la sed social".(1) Ainda, nessa mesma revista se destaca um artigo do regulamento do "Centro Galego" que diz : "... acogerá en su seno a todos los españoles, sin distinción de clases o de idéas pero que luchen para hacer españolismo, para hacer obra Pátria, que encumbren, en fin, a España, porque aunque regionalista en su nombre, el Centro Gallego de São Paulo, segun lo muy claramente expresado en sus Estatutos, ante todo, será español en sus actos, en la comunidad de sus idéas ...".(2)

Percebe-se que, dos centros espanhóis criados pelos imigrantes chegados até os anos 30, não há, de fato, uma divisão regionalista, pois como veremos, mesmo os poucos centros com denominação regional, como por exemplo o Galego, se regiam estatutariamente pelo elemento nacional em primeiro lugar.

O CENTRO REPUBLICANO ESPANHOL

Surge pela primeira vez em registros das atas da Socorros Mútuos, no ano de 1909, sendo que a última vez que encontramos registros deste centro foi em 1938.

A partir da proclamação da República Espanhola, é possível encontrar notícias de comemorações anuais do aniversário da República, promovidas pelo Centro Republicano. Em 1932, o grupo de teatro do "Centro Republicano" atuou numa festa de aniversário da República Espanhola, chamada Festa da Cordialidade. Esta festa foi organizada pelo "Club Paulista", integrado por estudantes e intelectuais brasileiros, que homenagearam a colônia espanhola através desta comemoração. Obtivemos informações através da revista da Câmara de Comércio Espanhola de 1932, que o "Centro Republicano Espanhol" editava um jornal "El Progreso" dirigido por Andrés Ortega, não tendo sido possível, porém, localizar nenhum número desse jornal.

Em entrevista realizada com um componente do "Centro Republicano Espanhol", Sr. Jose Galdon, pudemos completar as informações sobre este centro e entender porque a última notícia que temos dele é de 1938. Segundo ele, o "Centro Republicano

Espanhol" foi proibido de funcionar depois da vitória das tropas nacionalistas na Espanha. Assim, todos os componentes deste centro passaram a atuar no "Centro Galego", que após esta união informal dos dois já começa a ser conhecido como "Centro Galego-Democrático Espanhol". Incorporando ao seu nome original a denominação "Democrático", deixa claras suas aspirações de ser um centro de resistência à ditadura na Espanha. Ainda segundo este entrevistado, durante a guerra civil na Espanha : "...nós formamos aqui em São Paulo um bom grupo republicano. Até aqueles que estavam no Centro Republicano mais por questões culturais e recreativas, pois, o centro tinha um bom grupo de teatro, quando estourou a guerra civil na Espanha, tomaram uma posição anti-franquista. As notícias chegavam aqui e revoltavam a colônia. Pode-se dizer que a maioria da colônia foi anti-franquista ...".(9)

FEDERACIÓN ESPAÑOLA

Aparece pela primeira vez, em 1916, registro de comunicação deste centro com a Socorros Mútuos, porém, não obtivemos nenhuma outra informação sobre esta sociedade, apenas que em 1937 inaugurou um curso de espanhol em sua sede social. O último registro desta "Federación Española" é de 1939.

GRUPO DRAMÁTICO HISPANO-AMERICANO

Fundado em 6 de setembro de 1930 permanece em funcionamento até fusionar-se com outra sociedade, a "Casa de Espanha", já na década de 60.

Fora do conjunto de sociedades espanholas de socorros mútuos que mantinham contato e acordos de reciprocidade com a congênera de São Paulo e do "Centro Republicano Espanhol" que depois se incorpora ao "Centro Galego" dando como resultado o Centro Democrático, nada podemos afirmar sobre os objetivos dos demais centros, a não ser a partir de sua denominação.

Em 1898, quando da fundação da Socorros Mútuos, havia um representante da "Liga Patriótica Española". De 1903 a 1906, houve contatos com o "Liceu Español", que ficava na Rua do Gasômetro. Porque um é "Liga" e o outro é "Liceu" não foi possível esclarecer. Regionais em sua denominação só aparecem o "Centro Galego", que como já vimos não excluía o elemento nacional espanhol, e o "Centro Unión Catala" que aparece em registros de 1921 a 1923, porém não

localizamos nenhum estatuto do seu funcionamento.

Com denominações de personalidades espanholas, encontramos o "Centro Dramático Espanhol Cervantes" (de 1910 a 1923), o "Grêmio Dramático Cervantes" (de 1924 a 1932), o "Círculo Dramático Isaac Peral" (1923 e 1932). Também encontramos registros de associações da maçonaria, compostas por espanhóis : "Logia Unión Española" (1914), "Logia XX de setembro" (1923). Outros centros com denominação espanhola genérica são : "Casa de España de São Paulo" (1918), "Centro Unión Española" (1919), "Grupo Artístico Ibérico" (1923), "Unión Hispano-Brasileira" (1936).

A "LIGA ESPAÑOLA DE DEFENSA MÚTUA"

A preocupação de construir uma organização que não se limitasse a atuar na área urbana da cidade de São Paulo, provocou, entre alguns fundadores e associados da "Sociedade Española de Socorros Mútuos", a formação, em 1903, desta liga, que não tinha como objetivos fornecer atendimento médico a seus associados, porém oferecer-lhes assistência jurídica através de um advogado contratado para esse fim. Esta Liga, que pretendia organizar-se, por sessões, no interior de São Paulo, para atender os que trabalhavam no campo, teve uma existência muito curta. Durou apenas um ano e meio desativando-se sem deixar registros. O livro de atas que foi pesquisado, provavelmente só se encontrava junto com outros livros da "Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos" pelo fato de ter sido a "Liga Española" fundada por pessoas que também participavam da Socorros Mútuos, e pessoas com posturas políticas mais combativas, como já foi dito anteriormente. Desse conjunto de centros e associações espanholas apenas quatro permaneceram até o final da década de 30, a saber : o "Centro Galego", o "Centro Republicano Espanhol", A "Federación Española" e o "Grupo Dramático Hispano-Americano". Isto pode estar relacionado com o fato de ter sido a década de 30 bastante conturbada para os imigrantes espanhóis, não só pela Guerra Civil Espanhola, mas também pelo decreto do governo brasileiro de 1938 que impedia brasileiros, natos ou naturalizados, de pertencerem a centros e associações estrangeiras. Além destes fatos há o complicador da 2ª Guerra Mundial que desencadeou, na década de 40, uma enorme onda xenófoba perseguindo as agrupações de estrangeiros.

No segundo período significativo de entrada de imigrantes

espanhóis em São Paulo (1946 a 1969), existia em São Paulo o "Centro Galego-Democrático Español", com o Republicano incorporado, como já dissemos anteriormente. Este foi um dos centros que aglutinaram os imigrantes deste segundo período que se posicionavam abertamente contra a ditadura na Espanha. Existia também o "Grêmio Dramático Hispano-Americano", que ostentava em seus folhetos as cores da bandeira da República Espanhola e que manteve relações com o "Centro de Cultura Social" que, apesar de não ser um centro espanhol, era composto por muitas pessoas desta nacionalidade que tinham como princípios o anarquismo.

O próprio secretário do "Centro de Cultura Social", Jayme Cuberos é de origem espanhola. Ambos os lados de sua família são de Málaga, vieram para trabalhar nas fazendas de café e posteriormente foram se trasladando para a capital de São Paulo. Parece-nos importante transcrever parte de sua entrevista para exemplificar uma prática que era muito comum entre os imigrantes espanhóis. "Meu avô conta que na fazenda onde trabalhava, a maioria dos espanhóis que vieram eram analfabetos, no final da jornada de trabalho se reuniam em torno de um deles, que sabia ler, para ouvir a leitura de romances trazidos da Espanha, geralmente romances com uma mensagem libertária. Quando tinha 15 anos fundei no bairro da Moóca, junto com outros companheiros, um centro de estudos juvenis e através de um livro espanhol, dado por um parente, tomei contato com as idéias libertárias. Foi um livro que teve influência decisiva na minha opção, chamava-se "Manolin", era escrito em espanhol, nós liamos em espanhol sem dificuldade, não me recordo do nome do autor, mas sei que foi trazido da Espanha".(4) Em 1945 Jayme Cuberos foi convidado por Edgard Leunroth para ser secretário do "Centro de Cultura Social", onde atua até hoje.

Segundo depoimentos de Jayme Cuberos, o "Grêmio Dramático Hispano-Americano" mantinha relações de caráter cultural com o centro que secretaria, pois, levavam em conjunto a apresentação de obras teatrais que tinham como atores e autores os próprios associados. Este Grêmio Dramático fundiu-se posteriormente com a "Casa de Espanha".

Pode-se afirmar então, que os imigrantes espanhóis chegados entre o final da década de 40 e meados da década de 50 encontram dois centros espanhóis em São Paulo já organizados, além da Sociedade de Socorros Mútuos : o "Centro Galego-Democrático

Espanhol" com tendências políticas bem definidamente anti-franquistas e o "Grémio Dramático Hispano-Americano" que tinha como objetivo principal o teatro.

A partir da chegada destes imigrantes começam a aparecer inúmeros centros da colônia espanhola, agora, quase que totalmente, com nomes regionais espanhóis : a "Casa de Galicia-Hogar Español" fundada em 1955, a "Casa de Valencia" fundada em 1956, o "Centro Asturiano" de 1961, a "Casa de Aragón, Rioja y Navarra" de 1961 e o "Instituto Regional Valenciano" de 1969. Estes centros foram localizados a partir de alguma documentação, como livros de atas ou folhetos que indicavam sua existência ou fundação. Outros sobre os quais não conseguimos encontrar documentação alguma, mas dos quais encontramos registros de atividades através da análise de documentos de outras associações : "Centro Recreativo Andaluz", "Centro Vasco Guernica Kutun", "Centro Catala". Além desses centros regionais, encontramos registros da presença de outras associações espanholas : "Círculo Cervantino", "Casa de Cervantes", "Agrupación Pablo Iglesias", "Asociación Nuestra Señora del Pilar", "Grupo Montserratí de São Paulo", "Sociedad Beneficente Rosalía de Castro" e "Asociación Cultural Julian Besteiro". Foram feitas algumas tentativas de impor uma coordenação conjunta a alguns destes centros, já em 1962, quando realizou-se uma reunião no "Centro Asturiano" com o objetivo de fundar uma "Federación de Centros Españoles", que não chegou a se concretizar.

V.1- A UNIFICAÇÃO DAS SOCIEDADES ESPANHOLAS

A partir de 1965, encontramos uma série de processos de fusão, talvez provocados pelas dificuldades econômicas encontradas pelos centros e associações, já que começa a diminuir o fluxo imigratório para o Brasil. Por outro lado, a Espanha começava a passar por modificações em sua vida econômica e política, o que permitia que fossem discutidas as divergências ideológicas, principalmente a partir dos anos 70, quando se aprofundam aqui em São Paulo os processos de fusão.

A "Casa de España" foi o resultado da fusão da "Casa de Aragón" e do "Centro Recreativo Andaluz", em 1965, que em seguida incorpora o "Grémio Dramático Hispano-Americano".

Em 1973, surge o "Centro Español", resultado da unificação da

"Casa de Galicia- Hogar Español", "Centro Asturiano", "Instituto Regional Valenciano" e "Círculo Cervantino". Estas fusões foram preliminares para as derredadeiras fusões que se deram com a "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos", em 1976, e, em 1977, com o "Centro Español" e "Casa de España", respectivamente, terminando assim este processo que configurou a "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos" como aglutinadora de todos os centros espanhóis existentes na cidade de São Paulo.

V.2- O Centro Galego - Centro Democrático Espanhol

O "Centro Democrático Español" (CDE), como é mais conhecido, ao contrário de todos os outros não se incorporou à "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos" através de uma fusão formal. Teve uma fusão muito rápida com a "Casa de España" em 1973, que terminou em 1975. De acordo com um antigo componente do CDE, a necessidade de agrupar todos os centros era uma questão de sobrevivência, pois a maioria tinha sérios problemas econômicos e falta de novos sócios. Porém, era muito difícil chegar-se a um acordo, pois a maioria das entidades exigia que da fusão surgissem sociedades apolíticas, porém aceitando a proximidade com o governo franquista. À medida que a Espanha ia se redemocratizando "...nossa luta no exterior perdia o sentido, e para poder sobreviver nos unimos à Casa de España". (5)

O CDE teve uma trajetória bastante diferente da maioria dos outros centros. Iniciou essa trajetória o "Centro Gallego", que sempre se mostrou atuante no que diz respeito a posicionar-se e lutar contra qualquer tipo de injustiças sofridas por um elemento espanhol. Quando, por imposição do governo brasileiro, foi proibida a existência do "Centro Republicano Español" (quando Franco impõe a ditadura na Espanha e Getúlio Vargas no Brasil), o "Centro Republicano Espanhol" se agraga ao "Centro Galego" e desde então se adiciona ao nome do "Centro Galego" o de "Centro Democrático Español", como já expusemos anteriormente. Isto deixava clara sua postura política. Dos imigrantes chegados a São Paulo nos anos 50 e 60 os que se identificavam com essa postura acorriam ao CDE.

A partir de então o CDE se destaca entre outros como um centro de resistência política ao franquismo e de luta pelos espanhóis presos pela ditadura. "... o "Centro Democrático Español" tinha um

objetivo, mudar o regime da Espanha ou pelo menos mitigar o sofrimento dos que estavam presos na Espanha ...". (6)

A trajetória do CDE foi, desde a "Conferência Pró-Anistia dos Presos Políticos de Espanha e Portugal", organizada na capital de São Paulo e que teve a participação de figuras de destaque como o poeta chileno Pablo Neruda, listas de ajuda aos presos políticos, palestras e festivais contra os conflitos do Vietnã e no Camboja etc., ou seja, era um centro que tinha preocupações políticas a nível mundial e não somente espanholas, sem perder porém suas raízes espanholas. Mostrava aos brasileiros e a outros espanhóis através de suas danças, de seus cantos e teatro que não estava de acordo com o momento histórico vivido pela Espanha, mas que a cultura espanhola estava acima de qualquer ditadura.

Durante a vigência da ditadura militar no Brasil, os componentes do CDE receberam muitas vezes visitas da polícia política, tanto na sede do centro como em suas residências e locais de trabalho. Não por terem qualquer atividade ilegal, mas por seus antecedentes de espanhóis politicamente posicionados. Isto assustou muito a alguns associados fazendo com que a frequência ao centro diminuísse. Diante desta situação, em 1967, alguns associados pensam em fazer alguma coisa para tirar o CDE do marasmo em que se encontrava. Surge, assim, a idéia de se fazer uma homenagem ao poeta espanhol Federico Garcia Lorca, como maneira de mobilizar não somente os espanhóis mas também os brasileiros que admiravam ao poeta e simpatizavam com o CDE. "... dentro do CDE estavam comunistas, socialistas, anarquistas, republicanos, maçons e todos se envolveram e colaboraram com o CDE na homenagem a Garcia Lorca". (7)

Este grupo de pessoas se mobilizou e envolveu grande parte da sociedade paulistana. Venderam bônus, fizeram uma exposição sobre a vida do poeta na Biblioteca Municipal e ganharam divulgação na imprensa paulista. O arquiteto brasileiro Flávio de Carvalho foi o autor do projeto de um monumento a Lorca, intelectuais como Antonio Cândido, Sérgio Buarque de Hollanda, Paulo Duarte, a atriz Ruth Escobar, a escritora Renata Palotini, entre outros, participaram ativamente da homenagem idealizada pelo CDE.

A colocação do monumento foi algumas vezes adiada. Pretendia-se colocá-lo no dia do aniversário do assassinato do poeta. Sem dúvida, houve pressões de grupos que entendiam que a homenagem era

uma movimentação de elementos de esquerda. A esposa do então prefeito de São Paulo, admiradora que era do poeta, acabou sendo envolvida pelos componentes do CDE e ajudou-os a conseguir a autorização para a instalação do monumento.

O monumento a Garcia Lorca, porém, era algo mais que uma simples homenagem a um poeta universal, era um símbolo de resistência do povo espanhol em São Paulo à ditadura franquista; por isso foi duas vezes destruído por grupos radicais e novamente reconstruído por alguns abnegados componentes do CDE. Hoje, encontra-se esquecido e deteriorado na Praça das Guianas no bairro do Jardim América.

Além das atividades de resistência política, o CDE sempre teve atividades culturais, que o destacavam entre os demais centros da colônia espanhola, como : teatro, cursos para sócios ministrados pela Universidade Popular Paulista, cineclube, grupos de danças folclóricas e uma vasta biblioteca. Promoveu também a vinda de artistas e intelectuais estrangeiros a São Paulo, como : Pablo Neruda, Gabriel Celaya, Marcos Ana e o irmão do poeta espanhol, Francisco Garcia Lorca, entre outros.

Depois da homenagem a Lorca, fundou-se o "Centro Cultural Garcia Lorca", em julho de 1969, porém, já não havia terreno fértil para levar-se adiante um centro da colônia espanhola, com tais características, pois faltavam novos sócios e, como disse um entrevistado, já não era prioritária a luta pela democracia na Espanha, uma vez que a mesma já estava acontecendo gradualmente. Dos componentes do CDE, alguns ainda frequentam a "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos", porém sempre se lamentam que não encontram ambiente nessa sociedade. Um grupo de senhoras que fez parte da sessão feminina do CDE, o que organizava as festas, dançava no grupo folclórico, fazia as comidas típicas, hoje se reúne a cada quinze dias na casa de uma delas para manter vivo o contato e as lembranças.

5.3- A Sociedade Espanhola de Repatriação de Santos

Não eram nosso objeto de estudo as colônias espanholas de outras cidades de São Paulo. Entretanto, fizemos uma rápida pesquisa na "Sociedade Espanhola de Repatriação de Santos" por ter encontrado em outros documentos referência a ela e termos ficado

bastante curiosos com o fato de ter existido uma sociedade que tinha como objetivo único a repatriação de seus associados. Este fato, nos chamou a atenção pois a grande maioria dos imigrantes não têm incluída em seus planos a repatriação, que pesa muito sobre o indivíduo que dela necessita. O imigrante, de um modo geral, vem para ganhar algum dinheiro e voltar para a sua terra, não abandona a Pátria em definitivo, pelo menos em seus sonhos. A grande maioria, porém, percebe com o passar do tempo que é mais difícil voltar do que foi vir. Existe no imaginário dos espanhóis que não deixaram a Espanha a idéia de que os que emigraram quando voltam, voltam ricos. É isso que o seu "pueblo", seus amigos e parentes esperam do emigrante, é também o que ele espera dele mesmo. Entretanto, para a grande maioria dos imigrantes a realidade foi bem dura. Não enriqueceram e não conseguiram voltar à Pátria, nem mesmo para passear.

Pior do que fracassar e não voltar para seu "pueblo" como um "indiano"¹ é necessitar ser repatriado. O repatriado, no universo do imigrante é o duas vezes fracassado; a primeira, quando precisou emigrar, ou seja, fracassou em sua própria terra e teve que sair; a segunda, quando necessitou da caridade do governo para voltar para sua terra, totalmente fracassado.

Se a repatriação era uma coisa tão temida, porque os espanhóis teriam criado caixas de repatriação em suas sociedades e essa Sociedade de Repatriação em Santos ?

Fundada em 12 de outubro de 1902 , compunha-se, conforme seus estatutos, de número indeterminado de sócios de ambos os sexos, tendo por fim único a repatriação de seus associados. Depois de dois anos de associado, pagando uma cota mensal de 2 mil réis, os sócios tinham direito à repatriação até seu "pueblo" natal, quando por doença do sócio ou de seus familiares. As viúvas, com filhos

¹"Indiano" é o nome dado ao emigrante que no início do século partia para a América do Sul ou Cuba e voltava para seu "pueblo" rico. Ao regressar investia em sua cidade pequenas fortunas, construindo verdadeiros palácios para morar, além de construir igrejas e escolas para a população. No norte da Espanha há muitos palacetes construídos por indianos. Existe um que foi transformado em museu, o "Archivo del Indiano", na cidade de Colombres, Astúrias.

menores, também tinham direito à repatriação. Havia uma cláusula que dizia : Quando um sócio ficar doente, impossibilitado para o trabalho, tem direito à repatriação mesmo que não tenha o tempo regulamentar de dois anos.

Todos os anos, desde a sua fundação, a média de repatriação é de 35 a 40 pessoas, sendo que desse número alguns não eram sócios, mas por serem pobres eram repatriados pela sociedade. Na Memória referente aos anos 1937/38 e 1938/39, porém, aparece o seguinte : ... en virtud de las especiales circunstancias de todos vosotros conocidas, durante todos estos ejercicios no há habido pedidos de repatriación ..." (e)

Nos anos posteriores à Guerra Civil Espanhola, o movimento de sócios vai declinando, assim como os pedidos de repatriação, até que esta sociedade se une ao "Centro Español de Santos", de caráter cultural e recreativo, não existindo mais o propósito inicial.

Estivemos no consulado da Itália para obter informações sobre as repatriações. Perguntamos se havia existido na colônia italiana alguma sociedade para repatriar imigrantes e a resposta que obtivemos foi a seguinte : Não houve nenhuma sociedade com esse fim, pois o governo italiano repatriava os imigrantes não adaptados ou necessitados.

Em entrevista feita com o vice-consul espanhol em São Paulo, abordamos o tema das repatriações, perguntando-lhe se o fato dos imigrantes espanhóis terem criado sociedades de repatriação caracterizava o desinteresse do Estado Espanhol pela sua sorte. Sobre isso a resposta foi a seguinte : "... Depende do ponto de vista que se enfoca o problema, pois, o país mais rico do mundo, e não necessito dizer qual é, não repatria seus cidadãos, respondem-lhes que não deveriam ter saído de seu país ...", insistindo para que fosse mais claro na questão das repatriações dos imigrantes espanhóis nos deu a seguinte informação "...no final do século passado, a Espanha estava desgastada economicamente pelas guerras de independência de Cuba e do Marrocos, não havia uma política emigratória. Política emigratória tutelar só é sentida a partir do término da 2ª Guerra Mundial, aí começa uma tutela ao emigrante, se aperfeiçoando com o tempo. As companhias de navegação não pagavam ao Estado espanhol os 8% de imposto sobre o bilhete, em dinheiro, pagavam em bônus, estes bônus eram distribuídos pelos diversos consulados que depois os distribuíam para as repatriações, ou seja,

eram os próprios emigrantes quem pagavam as repatriações ...". 9)

Entende-se, assim, a necessidade que estes imigrantes tiveram de associar-se para criar caixas e sociedades de repatriação. Se, para suprir as deficiências do Estado Brasileiro quanto à assistência médica dos trabalhadores, criaram as sociedades de socorros mútuos, para suprir a falta de uma política emigratória tutelar por parte do Estado espanhol criaram as sociedades de repatriação. Apesar da repatriação ser temida por todos, tinham que se garantir ante a possível necessidade de repatriação

NOTAS

- 1- "Intercâmbio Hispano-Brasileiro"; órgão da Câmara de Comércio Espanhola no Brasil, Tomo I, 1º per., nov/1932, pag. 29.
- 2- Ibidem, pag. 29.
- 3- Depoimento de Jose Galdón, secretário do "Centro Gallego/Centro Democrático Español" em 1949, gravado pelo pesquisador em outubro de 1989.
- 4- Depoimento de Jayme Cuberos, secretário do "Centro de Cultura Social", gravado pelo pesquisador em agosto de 1988.
- 5- Depoimento de Antonio Meseguer, antigo componente do grupo de teatro do "Centro Democrático Español", gravado pelo pesquisador em agosto de 1988.
- 6- Depoimento de Pablo Briones, ex-integrante da diretoria do CDE, gravado pelo pesquisador em agosto de 1988.
- 7- Depoimento de Gabriel Ottamendi, ex-componente do CDE, gravado pelo pesquisador em agosto de 1988.
- 8- Memória da "Sociedade Española de Repatriación de Santos", exercícios de 1937/38 e 1938/39.
- 9- Depoimento de Jesús Población, vice-consul da Espanha em São Paulo, gravado pelo pesquisador em agosto de 1988.

VI- A IMPRENSA ESPANHOLA EM SÃO PAULO

A história da imprensa espanhola, escrita e divulgada por espanhóis em solo brasileiro, na cidade de São Paulo, acompanha a história da imigração e, mais especificamente, a dos centros espanhóis pois, muitos destes jornais e revistas estavam vinculados a eles.

Esta imprensa, presente desde 1898 "La Heria", o "Diário Español" (1899) e vários outros jornais do início do século, como a "Tribuna Española", "La Voz de España", "Gaceta Hispanica", "La Nación", dos quais só obtivemos algumas citações, demonstra um esforço do grupo em manter a "mentalidad de una raza".

Foi só a partir da década de 50 que vimos circular uma imprensa que se expressa por particularidades e diferenças culturais e sociais, atuando como uma forma alternativa de auto-identificação étnica e, fundamentalmente, como veículo de solidariedade grupal.

O material analisado restringiu-se ao acervo da "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos" e a coleções particulares. Muitos dos jornais sofreram paralizações, rearticulando-se em outras épocas com vida efêmera, desapareceram ou se diluíram acompanhando a história dos centros espanhóis em São Paulo.

Neste contexto, o jornal "Alborada", antes atuando como órgão da "Casa de Galicia", passa a ser a voz do Centro Espanhol em uma das fusões entre os centros, expressando em seu editorial que este fora criado como uma "... fuerza social centrípeta (la palabra de los caminantes) y aglutinante capaz de consumir y consolidar definitivamente una vieja aspiración, casi utópica, de unir, entre sí y en torno de sí, una colonia dispersa y, asociativamente, esceptica y frustrada ...". (1)

A medida que estes jornais e revistas imprimiam suas idéias, prestigiando os valores espanhóis, buscando a Espanha como fonte de inspiração, circunscreviam um discurso que retratava um mundo ideológico onde se aceitavam as origens, reelaborando um passado cultural sempre reatualizado por pessoas que iam ou vinham ou através de correspondências. Atuavam assim para cultuar suas origens, destacando notícias da pátria distante e de suas regiões como fator de aglutinação grupal. Isso é patente quando conclamam a colônia espanhola a se agregar frente à fundação de um hospital,

forte aspiração dos que aqui se encontravam. Assim escreviam :
"...Todos los compatriotas, están obligados a poner su granito de arena..." (...) "...para que en un día no muy lejano la instalación del hospital sea resultado de su labor y entusiasmo, al mismo tiempo que el orgullo de los españoles aquí radicados ...". (2)

O contexto espanhol está sempre presente, quer quando visam atingir o governo espanhol através de indulto aos "prófugos y desertores del ejército" (3), quer quando divulgam carta recebida do "Instituto Español de Emigración", enviando bolsas de estudo (4), ou ainda mais recentemente sobre o voto do imigrante, "... de momento no és posible que estos españoles regresen, pero entanto permanezcan fuera de su hogar, debe reconocerles el derecho de intervenir en la dirección política através de su voto, com todos los derechos ...". (5)

Esta imprensa acentua as atividades sociais dos diferentes centros e da própria colônia como um todo. Por volta da década de 60, bastante rica em produção periodística, encontramos diversos títulos, demonstrando a força deste grupo :

- "Prensa Hispánica - Semanário Independente"
- "Prensa Hispano-Brasileira"
- "Tribuna Hispanica - Semanário Español"
- "Gaceta Hispanica del Brasil"
- "España - organo oficial de la Casa de España"
- "Intercâmbio Hispano-Brasileiro" - órgão da "Câmara de Comércio Española en Brasil"
- "España - Las Provincias"
- "Las Provincias - organo de la coletividad española en São Paulo y su Estado"
- Revista "Nuevas de España"
- "Ecos da Terra"
- "Alborada - organo de la Casa de Galicia", posteriormente do "Centro Español" e atualmente da "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos"

Perseguindo a trajetória do imigrante espanhol, as notícias veiculadas por essa imprensa, tal qual um "caminante" que sofrendo as adversidades do quadro econômico e político do país que os recebeu e de todo o processo de assimilação, resistindo ao seu aculturamento, busca na Espanha sua fonte de inspiração, é assim que os vemos registrando pouco do que se passava no Brasil e muito

da consciência de ser diferente e de assim, tentar manter um forte ethos de um grupo solidário em questões sociais e culturais. A solidariedade se refletiu, por exemplo, na "Tribuna Española", em 14 de abril de 1912, lida em assembléia da "Sociedade de Socorros Mútuos", denunciando o que ocorrera na cidade de Bragança com os colonos espanhóis. A preocupação com a imagem da colônia perante a sociedade brasileira se refletiu na indignação do presidente de um centro espanhol ao se referir à contratação de um professor de espanhol para a Universidade de São Paulo, que na época "por motivos expostos não se efetivara" e que havia sido noticiada pela imprensa paulista. "... hay mucho que realizar, mucho que cumplir, principalmente agora que o noticiário de alguns jornais (...) veiculam notícias (...) que nestes últimos tempos a Espanha está vivendo, (...) muito tem que ser feito para que o bom conceito que goza o espanhol não se abale ...". (6)

É, pois, como instrumento de informação e propaganda de idéias e ideais espanhóis que estes jornais se vão alicerçando, expressando opiniões, criticando ou analisando fatos, noticiando em suas colunas as "fiestas de la raza", os bailes, aniversários e casamentos, competições esportivas, divulgando poesias e produções congêneres, conferências, enfim a vida cultural dentro da colônia.

Percebemos, também, da leitura desses jornais que nas entrelinhas transparecem as dificuldades de convivência e as divergências entre os espanhóis que, a partir das unificações dos centros, buscam com afínco superá-las como a única maneira de sobrevivência do grupo. É o que fica claro no editorial do jornal "Alborada" quando se dá a fusão da "Sociedade Hispano-Brasileira" com o "Centro Español : "... En este trabajo no se sobresalirán líderes, como hemos dicho, mas un equipo de trabajadores que pondrán sus vistas en la voluntad de los fundadores y de aquellos que enriquecieron el patrimonio, en el amor que tantos han dedicado durante los 78 años de su existencia, para con inteligencia y desprendimiento, olvidar resentimientos y unir a todos ...". (7)

Hoje, essa produção que vem desde o final do século passado, ainda circula com algum vigor, porém, não tanto quanto no passado. O jornal "Alborada", da "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos", assim como ela, atravessou o tempo acompanhando a história do imigrante espanhol em São Paulo, representando os jornais que fizeram esta história. Foi assim noticiada sua continuidade :

"... Hoy después de 90 años (...) vemos al fin, a toda coletividade española unida (...) Que nadie diga que desapareció el Centro Español de São Paulo, o la Casa de Galícia : Hogar Español, o el Instituto Regional Valenciano, o el Centro Asturiano, o el Círculo Cervantino, no han desaparecido como tampoco desaparecieron la Casa de España, ni el Centro Andaluz ni el Gremio Dramático Hispano-Americano (...) Todas ellas con su história sus trabajos (...) no se han perdido, porque hoy están aquí reunidos, hermanados todos bajo el nombre de la Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos Instrução e Recreio". «a»

NOTAS

- 1- Alborada ,março de 1973.
- 2- Gaceta Hispanica ,maio de 1939.
- 3- Diario Español, citado em ata da Sociedade Socorros Mútuos de 9/5/1906
- 4- Alborada, março de 1968.
- 5- Alborada, janeiro de 1977.
- 6- Correio de São Paulo, 16 de junho de 1936.
- 7- Alborada, dezembro de 1976.
- 8- Alborada, out./novembro de 1977.

CONCLUSÃO

Ao fazer um levantamento sobre as imigrações no Brasil, constatamos a ausência de trabalhos sobre o grupo espanhol, fato que causa admiração pela importância numérica de imigrantes dessa nacionalidade. Contrariamente aos espanhóis, os italianos dispõem de abundantes trabalhos sobre a sua história, tanto no que diz respeito à imigração quanto à história da formação da classe operária em São Paulo que registra sempre com bastante ênfase a participação do elemento dessa nacionalidade e muito raramente a dos imigrantes espanhóis.

Isso não ocorre por estar ausente o elemento espanhol, pois, é bastante claro que ele esteve presente em todos os locais e momentos em que esteve o italiano. Em número menor, evidentemente, porém não desprezível. Além do que, se nos ativessemos à quantidade para justificar esse fato, teríamos que admitir que as minorias numéricas não fazem história, o que absolutamente não é verdadeiro, pois as elites apesar de minoria fazem história.

Existem, porém, algumas diferenças significativas entre as trajetórias dos dois grupos. Os imigrantes italianos tiveram seu intelectual orgânico que, ainda no princípio deste século, chegou ao Brasil e de quem partem quase todos os trabalhos sobre a imigração italiana e sobre a participação dos italianos na vida paulista, Antonio Piccarolo. "... A influência da comunidade italiana não se restringiu ao âmbito político e sindical. Como observou, em 1913, Antonio Piccarolo, intelectual socialista, que aqui desembarcou em 1904 e manteve por 43 anos atividades no Brasil ...". «

Os espanhóis não tiveram nenhum estudo ou publicação que tratasse especificamente da sua vida política ou cultural em São Paulo. Entretanto é possível detectar artigos de elementos dessa nacionalidade em jornais anarquistas e da classe operária em geral. Estes artigos, porém, não se reportam ao imigrante espanhol exclusivamente, mas ao trabalhador em geral. Isto prova que havia elementos de nacionalidade espanhola com capacidade intelectual para registrar a vida do imigrante espanhol em São Paulo. Estes jornalistas ao não terem a preocupação de registrar especificamente a atuação dos imigrantes espanhóis mas, dos trabalhadores em geral nos levam a afirmar que a presença do elemento espanhol era



marcante no movimento anarquista. Esta carência de informações sobre o elemento espanhol, provavelmente tenha dificultado os estudos sobre a imigração espanhola em São Paulo, o que não ocorreu com os italianos, como ressaltou Martins. "... Também no que se refere às fontes para o estudo da imigração, há diferenças importantes entre a imigração espanhola e a imigração italiana. Há registro de que, no período de que trato, existiram, ao menos, quinze periódicos em língua espanhola publicados em São Paulo. Deles praticamente nada mais resta ..." (...) "... Não há estudos publicados sobre a imigração espanhola nesse período. Também não há, relatórios, crônicas de viagem de autoridades espanholas, escritores, jornalistas, missionários, como há em abundância em relação a outros grupos nacionais, particularmente o italiano ...".(2)

Por outro lado, a atuação de ambos os governos de origem parece ter sido distinta. O governo italiano encarava a imigração como um fato positivo, tanto para solucionar problemas internos, quanto para ter, através da imigração para o mundo todo, as colônias de que não dispunha como outras Nações Européias.

A postura oficial espanhola sobre o problema emigratório foi sempre bastante polêmica, o que, nos parece, acabou gerando uma prática, por parte das autoridades representativas do governo espanhol no Brasil, também polêmica, no que diz respeito a amparar os imigrantes e até mesmo aglutiná-los enquanto grupo nacional.

Havia, na Espanha, tendências contrárias à emigração e que discutiam arduamente os meios mais eficazes para combatê-la. Não sendo, porém, possível impedi-la, enfatizavam a necessidade de promover as migrações internas, prioritariamente, e as emigrações para as colônias espanholas (Cuba, Argentina e Porto Rico). A Real Ordem de 11 de julho de 1891 diz que, ao governo corresponde encaminhar a corrente migratória "... en los límites del próprio suelo o dirigirla a nuestras posesiones ultramarinas ..." (3), somando assim forças à produção nacional que de outra maneira, dispersas no exterior se perdem para a Pátria.

Fica evidente em leituras de boletins do "Consejo Superior de Emigración" que a visão sobre a emigração e sobre os emigrantes é negativa, como algo reprovável, porém de difícil proibição. Essa visão não poderia desenvolver uma prática de amparo e vínculo com os imigrantes. Talvez isso explique porque os próprios emigrantes

tenham desenvolvido suas associações com finalidades de repatriação aos não adaptados. Que tipo de relação poderia haver entre emigrantes e autoridades que os consideravam como traidores e ladrões de sua Pátria, e que atribuíam como uma das causas da emigração "El carácter aventurero de los españoles", além do desprezo que tinham pelos emigrantes a elite intelectual e política como apontou o artigo de Alonso : "...la razón por la que la emigración no pode traer ningún beneficio al país, és porque se trata de una emigración de pobres, de atrasados, de vencidos, son hijos que reniegan de su pátria y és portanto un suicídio por cobardia" (4) "... Esta idea de que nuestra emigración és de pobres y atrasados la encontraremos repetida y ampliada posteriormente ...". (5)

Diferentemente da Espanha, a Itália encarava a emigração como um mercado nacional no exterior, "... La cuestión fué ampliamente discutida en Itália y, a partir de los años 90, a la tradicional relación entre emigración y expansión comercial se unió la idea de contemplar la emigración como un medio para el desarrollo de la Marina Mercante." (6) . Na Itália já se vislumbrava, assim, que a emigração proporcionava, de fato, colónias económicas que eram a base da expansão comercial sem ter que recorrer às colónias políticas. "...Itália no podia pensar en una conquista territorial por médios políticos y militares, pero si podia llevar a cabo una conquista comercial gracias a 'L'Itália fuori d'Itália.'". (7)

É muito comum ouvir-se de emigrantes espanhóis radicados em São Paulo frases como estas : "Não houve por parte das autoridades espanholas interesse em que os imigrantes estivessem reunidos todos numa só entidade, fosse ela de ordem cultural ou recreativa, para que não se fortalecessem e pudessem exercer maior força de pressão sobre as entidades representativas do Estado Espanhol". Isso, de uma forma velada, pode ter ocorrido com os grupos espanhóis emigrados depois da Guerra Civil Espanhola e que ainda hoje estão atuando dentro das associações da colónia. Os que frequentavam, por exemplo, a "Casa de Galicia de São Paulo", não frequentavam o "Centro Gallego - Centro Democrático Espanhol", pois, consideravam a este, apesar do mesmo nome regional, como formado por elementos de esquerda. A recíproca também vale, pois os participantes do "Centro Gallego - Centro Democrático Espanhol" consideravam o grupo da "Casa de Galicia" como fascistas. Isso se refletia na participação

das autoridades espanholas em cada uma das associações, tanto no sentido de dar apoio financeiro como de prestigiar suas atividades.

Um entrevistado nos deu o seguinte depoimento "... O CDE estava promovendo um evento que havia repercutido bastante, inclusive através da imprensa paulistana, e convidou para prestigiá-lo, ao Embaixador da Espanha, que se encontrava em São Paulo. Este compareceu ao CDE, e ao chegar com outras autoridades consulares a primeira coisa que lhe chamou a atenção foi uma réplica da obra de Picasso "Guernica", exposta logo à entrada. Imediatamente dirigiu-se aos diretores da associação dizendo que a tirassem da parede, caso contrário ele não poderia permanecer no local. Houve consenso entre os diretores e, portanto, transmitiram ao embaixador que a pintura permaneceria onde estava. O embaixador saiu do local imediatamente, acompanhado pelas demais autoridades, não participando do evento.

Por outro lado, é comum ouvir-se de funcionários consulares e pessoas ligadas aos órgãos do governo espanhol em São Paulo que os espanhóis emigrados não cumpriam sua obrigação como cidadãos e não se apresentavam ao consulado, mostrando seu desinteresse pela Espanha, que só compareciam ao consulado quando era para sua conveniência imediata, mas, não para cumprir o mais simples dever cívico, o de registrar-se.

Toda essa animosidade entre imigrantes e representantes do Estado Espanhol tem um fundamento histórico, a nosso ver, baseado na visão que políticos e autoridades tinham da imigração e do imigrante e, um agravante importantíssimo na divisão ideológica causada pela Guerra Civil Espanhola e trasladada para fora da Espanha através da emigração.

Ficou bastante claro, através da rápida comparação que fizemos entre a política emigratória desenvolvida pelo Estado Italiano e pelo Estado Espanhol que o primeiro sempre esteve muito mais presente e próximo de seus cidadãos.

A colônia espanhola, em São Paulo, formou associações desde que começaram a chegar imigrantes, inclusive associações para atender à repatriação dos não adaptados, o que deveria ser garantido pelo Estado Espanhol, porém, a nível oficial só recentemente, na década de 70, é que o Estado Espanhol encampou a iniciativa de um grupo de imigrantes e assumiu o colégio espanhol "Miguel de Cervantes", por exemplo.

Porém, mesmo havendo um esforço atualmente, para uma atuação aglutinadora da colônia espanhola ainda é possível deparar-se com atitudes que trazem resquícios da antiga visão que se tinha da emigração. Por exemplo, em 1992 acompanhamos um grupo de espanhóis da América do Sul a uma visita ao colégio espanhol, para conhece-lo. Um dos visitantes, perguntou a um dos diretores do colégio (diretor vindo da Espanha para cumprir um contrato de seis anos), qual era a composição dos alunos no que diz respeito à nacionalidade. Este respondeu que a maioria dos alunos não era composta por espanhóis ou descendentes, e que da pequena minoria composta por esta nacionalidade, já não se poderia considerá-los espanhóis, pois descendentes daqueles emigrantes, em sua maioria "atrasados e analfabetos", nem falar mais o espanhol, falavam. Percebe-se, em muitas oportunidades, que existe, ainda, uma grande carga de preconceito contra o emigrante por parte de autoridades e "intelectuais", preconceito que é velado quando o emigrante é bem sucedido economicamente, fruto de toda uma mentalidade anti-emigração.

Este é, sem dúvida, um fator importante que pode explicar o isolamento dos elementos da colônia espanhola em São Paulo, cidade que por suas dimensões geográficas já é desagregadora. Estes indivíduos afastados dos representantes de Estado Espanhol em São Paulo, representantes estes que numa grande urbe seriam um canal de comunicação, tanto entre os membros da colônia entre si, como entre a colônia como um todo e a Espanha, acabam se diluindo na sociedade paulistana.

Alguns elementos da colônia aglutinaram-se em suas associações, que foi um elemento importantíssimo na preservação da cultura de cada grupo imigrante, "... mas se à escola e à igreja são atribuídos papéis relevantes no sentido da manutenção e preservação da etnicidade, outras instituições comunitárias também foram importantes para a organização desse grupos étnicos no Brasil. É o caso das associações recreativas, culturais, beneficentes, etc, que foram sendo constituídas nas colônias e, ao lado de seus objetivos sociais mais óbvios (lazer, assistência mútua, etc) tinham como tarefa principal a atualização da identidade étnica". (8)

Entretanto, no caso dos imigrantes espanhóis, um acontecimento histórico cruel como a guerra civil fragmentou a colônia espanhola

e enfraqueceu este associativismo que, em outras condições, poderia ter sido um elemento de aglutinação dos imigrantes e de fortalecimento da colônia com a chegada dos espanhóis que vieram, principalmente, para a capital de São Paulo da metade da década de 40 até os anos 60.

A colônia espanhola em São Paulo, hoje

Os espanhóis em São Paulo, hoje, estão em torno de 60.000 pessoas, sem contar seus descendentes. Em matéria de associações, têm a Sociedade Hispano Brasileira de Socorros Mútuos, no bairro do Ipiranga. Esta sociedade, hoje composta por espanhóis e brasileiros, preserva, ainda, um pouco da cultura espanhola, realizando festas típicas de cada região da Espanha. Os mais antigos associados queixam-se da falta de participação das gerações mais jovens, o que fatalmente levará ao desaparecimento de suas tradições culturais em pouco tempo. O Estado Espanhol, hoje, se preocupa em preservar a cultura espanhola. Envia material didático, filmes e, vez por outra, alguns artistas e professores de danças folclóricas para renovar as técnicas dos espanhóis aqui radicados. O que parece, entretanto, é que essa preocupação já é um pouco tardia. As novas gerações estão totalmente integradas à sociedade brasileira vendo a cultura de seus antepassados como alguma coisa antiga, de pouco interesse para eles.

O Colégio Miguel de Cervantes que desempenharia um papel importante neste sentido, não está tendo esta orientação. Está aqui no Brasil para divulgar a língua e cultura espanhola para uma elite e, preferencialmente, para uma elite brasileira que futuramente poderá ocupar postos dirigentes na sociedade brasileira e, assim, através de sua formação hispânica favorecer a Espanha em seus interesses por este Continente Americano. Esta política, a nosso ver, está surtindo o efeito contrário, ou seja, o que se constata é que a grande maioria dos alunos deste colégio demonstra um grande sentimento anti-hispânico. Sentem-se invadidos por terem em seus horários escolares uma grande carga de língua e cultura espanhola e se revoltam quando são reprovados em uma destas matérias.

Existe, além disto, uma animosidade entre professores espanhóis, brasileiros e alunos. Por parte dos professores, isso se explica pela diferença de salários entre espanhóis e brasileiros.

Os espanhóis recebem do governo espanhol, de acordo com os salários pagos na Espanha. Os brasileiros recebem de acordo com os níveis salariais brasileiros, o que cria um grande descompasso. Já por parte de professores espanhóis e alunos existe um choque cultural pela postura dos professores que é muito diferente da dos brasileiros. Os alunos do Miguel de Cervantes vêem o professor espanhol como autoritário e intruso, no seu próprio país. Assim, parece-nos que este colégio não está conseguindo cumprir seu papel como preservador da cultura espanhola junto a descendentes de espanhóis, pois a grande maioria não pode frequentar este colégio, nem como difusor da cultura espanhola entre os brasileiros.

Outro órgão da colônia espanhola existente atualmente no Brasil é o "Consejo de Residentes Ausentes". É um conselho, composto por 11 membros da colônia, eleito por voto direto pelos próprios imigrantes e que tem como função atuar junto ao consulado, no sentido de levar às autoridades consulares as preocupações e dificuldades vividas pelos imigrantes espanhóis. Estes conselhos (cada consulado de cada região de Brasil tem o seu) estão em funcionamento desde 1989 e quando foram criados geraram uma grande expectativa dentro da colônia. "... As eleições, realizadas no dia 24 de junho de 1989, trouxeram algumas surpresas, tanto para o Consulado Espanhol em São Paulo como para os participantes das listas. A primeira delas diz respeito à frequência inesperada dos espanhóis às urnas, pois era mais ou menos generalizada a opinião de que eles estavam desagrados e desinteressados dos assuntos que dizem respeito à coletividade espanhola. Ficou evidenciado, porém, que os imigrantes, ao serem informados, não só se registraram no censo eleitoral do consulado, como também participaram das eleições com muito entusiasmo". (2)

Entretanto, passados 4 anos desde o início de seu funcionamento a grande maioria da colônia espanhola, assim como alguns dos membros deste conselho perdeu totalmente o entusiasmo por este conselho. Por ser um órgão apenas consultivo, e dependendo da convocação do consulado para atuar, acaba tendo limitações muito grandes para levar adiante qualquer projeto em favor da colônia espanhola, pois nestes quatro anos de funcionamento raríssimas vezes foi convocado pelo consulado para dar qualquer sugestão e quando tomou a iniciativa de levar algum projeto às autoridades consulares, esbarrou nas limitações legais para o seu

funcionamento, não tendo conseguido levar adiante, até hoje, seus objetivos.

NOTAS

- 1- "Italianos e Movimento Operário no Brasil", caderno publicado pela CUT Estadual de São Paulo, coordenação e edição Aluisio Mercadante Oliva.
- 2- J. S. Martins; "A Imigração Espanhola no Brasil e a Formação da Força de Trabalho na Economia Cafeeira" in Revista de História, N° 121 - ago/dez 1989, USP, pag.12 .
- 3- B. A. Sanchez; "La visión Contemporanea de la Inmigración Española"; Revista de Estudios Migratórios Latinoamericanos, N° 13, dez/1989, Buenos Aires, pag. 445.
- 4- Polo Benito; in Op. Cit., pag. 452.
- 5- Ibidem.
- 6- B. A. Sanchez; "La visión Contemporanea de la Inmigración Española"; Revista de Estudios Migratórios Latinoamericanos, N° 13, dez/1989, Buenos Aires, pag. 448.
- 7- Ibidem.
- 8- G. Seyferth; "Imigração, Colonização e Identidade Étnica" in Revista de Antropologia, Vol. 29, USP, 1986, pag 63.
- 9- A. M. Gallego; "O Imigrante Espanhol em São Paulo e o Voto" in Travessia - revista do migrante, CEM, ano II, N° 5 - set/dez 1989.

BIBLIOGRAFIA

- 1- Aguiar, C.; "Os Espanhóis no Brasil"; Ed. Tempo Brasileiro, RJ, 1991.
- 2- Alcovar, N. (coord.); "La Cultura Española Durante el Franquismo"; Equipo Reseña - Ed. Mensajero, Bilbao, 1977.
- 3- Alvim, Z.; "Emigração, Família e Luta. Os Italianos em São Paulo - 1870-1920"; Dissertação de Mestrado (mim.), FFLCH-USP, 1977.
- 4- Bacelar, J. C.; "Identidade Nacional e Etnia : Os Galegos no Paraíso da Bahia de Todas as Raças"; XIV Encontro Anual da ANPOCS (mim.), Caxambú - MG, out/1990.
- 5- Baroja, J. C.; "Los Pueblos de España"; V. II, Ed. Istmo, Madrid, 1981.
- 6- Barth, F.; "Los Grupos Étnicos e Sus Fronteras. La organización Social de las Diferentes Culturas"; Fondo de Cultura Económica, México, 1976.
- 7- Basbaun, L.; "História Sincera da República"; Vols. I e IV, Alfa-Ômega, São Paulo, 1976.
- 8- Bourdieu, P.; "Elementos Para Uma Teoria do Sistema de Ensino"; Ed. Francisco Alves, São Paulo, 1975.
- 9- Carvalho, E. A.; "Questões Teóricas Sobre Identidade" in Cadernos PUC, Num. 20.
- 10- Castilha Del Pino, C.; "La Cultura Bajo el Franquismo"; Ediciones de Bolsillo, Barcelona, 1977.
- 11- Davatz, T.; "Memórias de um Colono no Brasil"; Martins Ed., São Paulo, 2ª Ed..
- 12- Dias, Eduardo; "Um Imigrante e a Revolução - Memórias de um Militante Operário 1934-1951"; Ed. Brasiliense, São Paulo, 1983.
- 13- Dias, Everardo; "História das Lutas Sociais no Brasil";
- 14- Dick, M. V.; "Toponímia e Imigração no Brasil" in Revista do Inst. de Est. Brasileiros, São Paulo, 1988.
- 15- Diegues, M.; "Os Imigrantes e Sua Integração à Cultura Regional"; SESC - Conferências, out/1956.
- 16- Dulles, J. F.; "Anarquista e Comunistas no Brasil"; Ed. Nova Fronteira, 2ª Ed.
- 17- Fausto, B.; "Trabalho Urbano e Conflito Social"; DIFEL, RJ.
- 18- Geertz, C.; "A Interpretação das Culturas"; Zahar, RJ, 1978.

- 19- Gramsci, A.; "Os Intelectuais e a Organização da Cultura"; Ed. Civ. Brasileira, RJ, 1968.
- 20- Hobsbawm, E.; "Os Anárquistas Andaluzes" in "Rebeldes Primitivos"; Zahar Ed., RJ, 1970.
- 21- Hutter, L. M.; "Imigração Italiana : aspectos gerais do processo imigratório" in Revista do Inst. de Est. Brasileiros, 1987.
- 22- Ianni, C.; "Homens Sem Paz - Os Conflitos e Bastidores da Emigração Italiana"; Ed. Civ. Brasileira, RJ, 1972.
- 23- Ianni, O.; "O Estado e a Organização da Cultura" in Rev. Encontros com a Civilização Brasileira, N. 1, jul/1978.
- 24- Jordão Neto, A. ; Bosco, S.; "O Imigrante Espanhol em São Paulo"; Dep. de In. e Col. - Sec. Agric. do Est. São Paulo, 1963.
- 25- Tolosana, C. L.; "Antropologia Cultural de Galicia"; I e II, Akal Ed., Madrid, 1979/1988.
- 26- Mannheim, K.; "Essays on the Sociology of Culture"; Ed. Roupledge & Kegan Paul Ltd., London, 1956.
- 27- Martinez, E. G.; "Café e Inmigración : Los Españoles en São Paulo, 1880-1930"; CEDEAL, Madrid, 1990.
- 28- Martins, J. S.; "A Imigração Espanhola Para o Brasil e a Formação da Força de Trabalho na Economia Cafeeira : 1880 - 1930" in Revista de História, USP, ago/ dez 1989.
- 29- Marx, K.; "A Ideologia Alemã"; Ed. Divulgação Nacional,
- 30- Mendes Jr.; Maranhão, R. (orgs.); "Brasil História", Vols. I e II, Ed. Brasiliense, São Paulo.
- 31- Mertizig, L. L.; "As Dificuldades de Adaptação do Imigrante no Estado de São Paulo. Repatriação e Reemigração. 1889-1920"; Dissertação de Mestrado (mim.), FFCLH - USP, 1977.
- 32- Nadal, J.; "Historia de la Población Española" in "Historia de la Población Mundial"; Ed. Ariel, Barcelona, 1966.
- 33- Nogueira, A.; "Como São Paulo Hospedava Seus Imigrantes" in "Revista do Inst. de Est. Brasileiros, N. 23, USP, 1981.
- 34- Noriega, J. B.(coord.); "II Colóquio de la Emigración Española", (mim.), São Paulo, nov/1980.
- 35- Oliveira, R. C.; "Identidade, Etnia e Estrutura Social"; Livraria Pioneira Ed., São Paulo, 1976.
- 36- Ortiz, R.; "Cultura Brasileira e Identidade Nacional"; Ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.
- 37- Petrone, M. T.; "Imigração" in "História Geral da Civilização Brasileira", V. 2, DIFEL, São Paulo, 1978.

- 38- Pinheiro, P. S.; "O Proletariado Industrial na Primeira República" in "Historia Geral da Civilização Brasileira", V. 2, DIFEL, São Paulo, 1978.
- 39- Prado, A. A. (org.); "Libertários no Brasil - Memória, Lutas, Cultura"; Ed. Brasiliense, São Paulo, 1986.
- 40- Revista "Estudios Migratorios Latinoamericanos"; Año 4, dez/1989, CEMLA, Buenos Aires.
- 41- Revista "O Imigrante"; Ano I, jan/1908, São Paulo.
- 42- Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio; "Boletim da Diretoria de Terras, Colonização e Imigração"; Ano I, out/1937, N. 1, São Paulo.
- 43- Silva, S.; "Expansão Cafeeira e Origem da Indústria no Brasil"; Alfa-Omega, 1ª Ed., São Paulo.
- 44- Souto, J. L. (coord.); "Colóquio de la Emigración Española en São Paulo" (mim.); ago/1979.
- 45- Vilar, P.; "A Guerra da Espanha"; Paz e Terra, 1989.
- 46- Willems, E.; "Assimilação e Populações Marginais no Brasil, Estudo Sociológico dos Imigrantes Germânicos e Seus Descendentes"; Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1940.

FONTES PRIMÁRIAS

1- Livros de Atas de Assembléias Gerais e de Reuniões de Diretoria da "Sociedad Española de Socorros Mútuos" e da "Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos", de 1898 a 1978.

2- Livros de Atas de Assembléias e de Reuniões de outras associações :

- a- "Liga Española de Defensa Mútua", (1903/1904).
- b- "Colonia Española", (20 de Janeiro a 11 outubro de 1932).
- c- "Campaña Pró-Hospital Español", (1937/1945).
- d- "Instituto Regional Valenciano", (1967/1972).
- e- "Centro Asturiano", (1963/1972).
- f- Memória do "Centro Español de Santos", (1895/1919).
- g- Memórias da "Sociedad Española de Repatriación", (1906/1944).
- h- "Casa de Galicia - Hogar Espanhol", (1957/1973).

JORNAIS E REVISTAS DA COLÔNIA ESPANHOLA

- 1- Jornal ""Alborada", período de jul/1963 a jul/1988.
- 2- Outros Jornais e Revistas :
 - "Prensa Hispanica", N. 101, out/1959.
 - "Tribuna Hispanica", N. 31, ago/1962.
 - "Gaceta Hispanica", Ed. Esp., Mar/1965.
 - "Prensa Hispano-Brasileira", jul/1964 e nov/1966.
 - "Espana", fev a mar/1968 e jul a ago/1968.
 - "Espana - Las Provincias", N. X de 1971 e N. XV de 1972.
- 3- Artigos vários sobre centros espanhóis e sobre a colônia espanhola :
 - 7 páginas soltas que vão de 1933 a 1966.
- 4- Revista "Intercambio Hispano-Brasileño", órgão da Camara de Comércio Española en Brasil, Tomo I de 1930 a 1931, Tomo II de 1931 a 1933.